

A CASA 
TOMBADA
Lugar de Arte, Cultura e Educação
FACONNECT

Teresa Andréa Ferrara

Experiências de uma formadora de professoras interessada em ambientes e brincadeiras que possibilitam dar voz aos bebês

A CASA TOMBADA

Lugar de Arte, Cultura e Educação

FACONNECT

Teresa Andréa Ferrara

Experiências de uma formadora de professoras interessada em ambientes e brincadeiras que possibilitam dar voz aos bebês

Trabalho realizado sob a orientação da Profa. M.a Josca Ailine Baroukh em exigência parcial, para a obtenção do certificado de especialista, como concluinte do curso de Pós-Graduação Lato sensu "A vez e a voz das crianças: a arte de escutar e conhecer narrativas, linguagens e culturas infantis".

2020

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais pela oportunidade de nascer e por me proporcionarem o melhor dentro do que era possível e impossível diante da história de vida que viveram.

À vida pelo intenso aprendizado, pelas oportunidades de recomeçar e seguir em direção a realização dos meus mais profundos sonhos.

Ao meu filho Luís Fernando que redimensionou minha vida para o melhor e me fez caminhar rumo ao sol à busca de novas possibilidades e horizontes.

À querida mestra Adriana Friedmann, que conheci primeiro através dos livros e que tive a honra e o privilégio de estar bem perto durante esses dois anos, aprendendo infinitamente e me encantando com a maestria com que conduziu nosso processo.

À Casa Tombada, ao Giuliano, Angela, cada um dos queridos Val, Flávia que nos acolheram durante o curso.

À querida equipe da Divisão Pedagógica de São Miguel (DIPED) nas pessoas do Diretor Regional Jair Sipioni, Andréa Angelo, diretora da DIPED, formadoras Maria Aparecida, Viviane Espindola, Elioenai, Rosana Carla, Iolanda, Fábio, Maria Isabel, Raquel e as coordenadoras da UNICEU Vila Curuçá e Veredas, Regiane e Bruna que deram apoio incondicional para que pudesse realizar meu trabalho formativo com extrema qualidade e a todas professoras, estudantes e coordenadoras que participaram dos encontros formativos.

À minha querida orientadora Josca Ailine Baroukh, que eu também conhecia através dos livros e que tive a honra de partilhar meu trabalho e aprimorá-lo a cada devolutiva e apontamentos.

A todas as parceiras do curso de Pós-Graduação Lato Sensu “ A vez e a voz das crianças: a arte de escutar e conhecer narrativas, linguagens e culturas infantis” em especial a Cristina Rocha, Elisa de Souza Schuler e Miraíra Noal Manfroi que contribuíram de uma forma muito especial para que a escrita do meu TCC pudesse nascer.

E finalmente aos meus grandes amigos de longa caminhada: Cristina Lopomo Defendi, Claudia Pires Freitas e Carlos Laurentino que atentamente e prontamente estiveram presentes nas diversas fases da escrita deste trabalho, minha profunda gratidão.

RESUMO

O trabalho com bebês na perspectiva de ouvir suas vozes requer a formação dos profissionais envolvidos direta ou indiretamente. Esse trabalho consiste na narrativa e análise de um percurso formativo envolvendo estudantes de Pedagogia, professoras e Coordenadoras Pedagógicas que atendem bebês nos Centros de Educação Infantil do Município de São Paulo. Os encontros foram realizados durante o ano de 2019 e surgiram da necessidade das professoras do berçário continuarem estudando e se apropriando dos conhecimentos acerca dos ambientes e brincadeiras que possam dar voz aos bebês. Através de encontros mensais, nos reunimos para trocar saberes com o apoio de autores que consideram o bebê sujeito potente e que, a partir da interação de ambientes desafiadores e a escuta atenta dos profissionais, tenham condições de fazer descobertas, desenvolverem-se de forma autônoma e ampliar seus saberes. Apresentamos o processo formativo, a voz das professoras e uma breve análise.

PALAVRAS-CHAVE: Formação. Professoras. Bebês. Prática

ABSTRACT

Working with babies from the perspective of hearing their voices requires training of professionals directly or indirectly involved. The final paper consists in the training course narrative involving Pedagogy students, teachers and Pedagogical Coordinators who assist babies in the Child Education Centers of Sao Paulo city. The meetings were held during 2019 and arose from the need for the nursery teachers to continue studying and appropriating knowledge about environments and games that may give babies a voice. By monthly meetings, we gather together to exchange knowledge with the support of authors who consider the baby to be a potent subject and through the interaction of challenging environments and the attentive listening of professionals, they are able to make discoveries, develop their autonomy and expand their knowledge. We present the training process and the voice of the teachers.

KEYWORDS : Training.Teachers.Babies.Practice

SUMÁRIO

I Introdução.....	8
II Metodologia	11
III Trajetória de vida e o encontro com a educação.....	17
IV A metamorfose: A transição de professora para coordenadora.....	25
V Da escuta a ação: fundamentação teórica	28
VI O trabalho junto as professoras de bebês.....	31
VII O entrelaçar de saberes: O bebê em foco - relato e análise de um curso de extensão.....	34
7.1 Primeiros Encontro.	34
7.2 Segundo encontro.....	38
7.3 Terceiro encontro	42
7.4 Quarto encontro.....	44
7.5 Quinto encontro.....	46
VIII Considerações Finais.....	53
Referências Bibliográficas.....	55
Anexos.....	57

I. INTRODUÇÃO

“Nunca se deve engatinhar, quando o impulso é voar.”

Helen Keller

O presente trabalho de conclusão de Curso de Pós Graduação: A vez e a voz das crianças, a arte de escutar e conhecer narrativas, linguagens e culturas infantis é fruto de um processo de descobertas internas e possibilidade de dar voz ao meu processo formativo envolvendo profissionais que atuam indireta e diretamente com bebês.

A temática sobre ambientes e brincadeiras que dão voz aos bebês me chamou de volta as origens, a minha infância, a importância do contato com a natureza, vento, água, barro, folhas secas, pedras, bichinhos que tive a oportunidade de experimentar e que com certeza influenciaram minhas decisões enquanto professora de bebês, crianças, jovens, adultos, coordenadora e formadora.

Apesar de estarmos em pleno século XXI, há muito o que ser garantido para que os bebês tenham direito a ambientes que lhe dão voz, possibilitem o contato com a natureza, sejam respeitados em seus tempos, ritmos e para tal é imprescindível um olhar atento ao processo formativo daqueles que convivem diariamente com eles nas instituições públicas.

Diante de todos os marcos legais que garantem aos bebês direitos de serem acolhidos, respeitados em seus tempos e que tenham acesso a ambientes desafiadores, instigantes, nos deparamos com modelos institucionais em que a rotina dos bebês e crianças são semelhantes a fábricas do século XVIII.

Rotinas padronizadas, no qual os horários da alimentação e limpeza são a base para o cotidiano. Infelizmente é comum observar em muitas instituições públicas, atividades centradas totalmente no adulto, em que cabe aos bebês executá-las, desconsiderando como sujeito potente, criativo e que dentro de um ambiente desafiador também tenha condições de se fazer ouvir suas reais necessidades.

O objetivo desse trabalho foi de compartilhar a minha experiência no processo formativo envolvendo profissionais que atuam diretamente e indiretamente com bebês de forma a proporcionar um espaço de reflexão, diálogo e troca de saberes envolvendo essa fase tão importante na vida de um ser humano.

Ao abordar a temática de ambientes e brincadeiras que dão voz aos bebês, importante considerar quem são as professoras que lidam diretamente com eles. Portanto para o desenvolvimento desta pesquisa, fiz o exercício de olhar para estas perguntas: Quem são as profissionais que participaram dos encontros? O que já sabem acerca do atendimento aos bebês? O que vieram aprimorar nos encontros? Que caminhos percorrer para se chegar nos anseios dos participantes? Quais conteúdos trabalhar? Qual a melhor forma de se trabalhar estes conteúdos? O que percebo a cada encontro e como me planejo para os próximos? Quais as devolutivas deste processo? O que posso repensar para os próximos?

Este trabalho foi dividido em seis partes. Primeiro apresento a metodologia apresentada, no caso o relato de experiência. Em seguida narro minha trajetória e os motivos pelo quais escolhi a educação como profissão e os locais de atuação até me tornar coordenadora pedagógica. Após essa parte conto como foi a transição de professora para coordenadora, alguns desafios enfrentados e fundamentação teórica que dão suporte a minha ação. Antes de chegar no relato propriamente dito, conto a experiência desenvolvida num Centro de Educação Infantil que atuei por cinco anos em que procurei apoiar o trabalho das professoras, subsidiando a prática cotidiana junto aos bebês e crianças com momentos formativos, acompanhamento nas salas, filmagens, leitura e devolutiva dos registros, também anexo há o percurso de duas professoras de bebês que contaram do ponto de vista delas como foi o percurso delas diante do processo formativo e atuação junto aos bebês. Por fim o relato do processo formativo ocorrido no Polo da Universidade nos Centros Educacionais Unificados (UNICEU)-Vila Curuçá em Parceria com a Universidade Estadual Paulista (UNESP) que teve origem da necessidade das professoras dos berçário em continuar aprofundando o estudo sobre os bebês.

II. METODOLOGIA

Este trabalho se apresenta a partir de um relato de experiência, que segundo Fortunato (2018), se trata de um método de pesquisa não recente no campo da educação, pelo contrário já vem sendo utilizado há bons anos. O mesmo autor salienta que:

[...] o relato de experiência. O que se pretende aqui é demonstrar como a experiência é um dos mais importantes – muitas vezes, o único – meios de se colocar a educação em evidência para, portanto, pensar sobre, na, com e para a própria educação, com o intuito de renová-la. (2018, p.37)

Fortunado (2018) ainda coloca que o relato pode ser visto como uma receita, em que é importante conter os detalhes de preparo. Não com a intenção de replicar da mesma forma, mas que sirva de inspiração e de ponto de partida para outras experiências, feitas por outras pessoas. No processo de construção deste relato, tenho a oportunidade de revisitar a minha prática docente, refletir e transformá-la. Além de desejar que a partilha deste trajeto, auxilie outras pessoas, em outros contextos.

Há exatos nove meses, quando comecei a gestar esse trabalho, estava convicta de que o foco seria relacionado aos bebês, porém como estava longe deles, pensei em observá-los no parque. Fiquei alguns meses observando os bebês em dois parques da Zona Leste de São Paulo. Nesse período, apenas dois bebês se aproximaram de mim e foram imediatamente afastados pelas famílias, sem nenhuma aproximação, contato. Essa pesquisa foi perdendo o sentido.

Quando conversei com a orientadora, meus olhos voltaram a brilhar. Senti algo acender em meu peito e saí da primeira conversa com ideias mil. Qual seria a dificuldade em narrar meu processo profissional? Parecia muito fácil.

Comecei pelo memorial, o que tinha de desafiador em lembrar e sintetizar memórias que me levaram à educação? Fácil pensar e complexo lembrar. As memórias desses momentos foram profundas e mexeram com vários aspectos que, até conhecer Adriana Friedmann, estavam guardados embaixo do tapete. Foram explosões de emoções, choro, tristeza, e eu me questionava o que tinha a ver todas aquelas sensações com a escrita de um TCC?

Comparo a escrita desse TCC a uma gestação, a alegria de descobrir o tema, comparada à descoberta da gravidez e espera de um filho, os primeiros meses de mal-estar, vômitos, instabilidade hormonal, sensibilidade aflorada, indisposição, vontade de dormir. Sim foram meses, onde o bebezinho TCC ficou quietinho se formando no oculto do meu ser. É como se essa temática me chamasse de volta às origens, quem são meus pais, avôs, bisavôs. Fizesse-me lidar com as sombras, enfrentá-las, para enfim nascer ou renascer inteira para outro ciclo de vida.

Pensava sobre meu tema, os ambientes e as brincadeiras que dão voz aos bebês. Qual a dificuldade de tratar de tal assunto, uma vez que iniciei minha carreira profissional trabalhando com bebês num lugar de referência, o qual me proporcionou fundamentação importante para minha carreira, além de constante atualização, estudos acerca dessa temática?

Aos poucos percebi que fazia todo sentido! Para os bebês que nasceram em tempos de ditadura, no caso eu, nada era permitido, criança não tinha vez e voz, os brinquedos praticamente inacessíveis, devido ao preço; criança não era considerada em suas especificidades, além da privação financeira devido ao desemprego e condições de sua família. O que possibilitava a essa criança a felicidade e a esperança de dias melhores? O vento, o sol, as folhas secas, as brincadeiras embaixo da árvore, a caça aos insetos, bichinhos da natureza, brincar com terra, barro, esconder-se dentro da casinha de madeira e fingir que ficou invisível, pegar os matos, água e fazer comidinha de mentirinha.

Às cinco horas da tarde, tomar banho e assistir ao episódio do Sitio do Pica pau Amarelo, depois jantar e dormir cedo. Essas eram minhas brincadeiras de infância e conforme Friedmann (2014 p.15)... “estimular a brincadeira, criatividade, possibilitar a expressão do íntimo da criança através de alguma forma de arte, alimentar a espiritualidade por meio de contos, mitos ou lendas”, colaboram para o desenvolvimento da resiliência. Hoje acredito que o contato com a natureza desde a tenra idade, poder brincar descalça, sentir o vento no corpo e assistir as histórias do sitio do Pica-Pau Amarelo, por mais que hoje seja excludente, na minha infância era o único contato com histórias, não havia acesso aos livros, pois eram raros e caríssimos, para quem tinha origem humilde e sem recursos financeiros. O mesmo

cenário infelizmente ainda encontramos em áreas mais vulneráveis, bebês e crianças morando em condições precárias, sem direito ao mínimo necessário.

O livro código do ser de James Hillman me chamou durante toda a escrita do TCC, eu me recusava a ler, pensava: o que esse livro tem a ver com meu trabalho? Depois de tanto tempo travada na escrita, resolvi dar ouvidos à minha intuição e descobrir porque esse livro me chamava.

Já nas primeiras páginas, as respostas foram surgindo: “este livro defende as crianças. Dá uma base teórica para entendermos a vida delas, uma base que por sua vez, fundamenta-se nos mitos, na filosofia, em outras culturas e na imaginação. Procura entender as disfunções das crianças antes de tomar esses problemas por seus rótulos literais e despachar a criança para a terapia.” (HILLMAN, 1996, p.18). O livro trata de crianças, e oferece uma forma diferente de olhar para elas, de entrar em sua imaginação e descobrir em sua patologia o que seu *daimon* pode estar indicando e o que seu destino pode querer. Fui transcrevendo cada parte que fazia sentido e quero compartilhar algumas partes que chamaram minha atenção:

[...] Pessoas compensam as fraquezas com força transformando deficiências em capacidade e controle. (p.19)

Plantar o pé firmemente na terra, feito mais importante é um estágio de crescimento bem mais tardio do que qualquer coisa iniciada na cabeça. (p.54)

A vida é seu projeto, nada vai explicá-la a você, o que obviamente lhe dá uma sensação de ansiedade e medo existenciais. Tudo depende de você, de cada indivíduo, uma vez que não há garantia cósmica de que alguma coisa faça sentido. Você faz uma vida a partir dos mais profundos sentimentos do absurdo. (p. 67)

As crianças são profundamente afetadas por uma gama de pessoas que interagem com elas, pela alimentação, pela música, pela televisão, pela esperança que elas veem no mundo dos adultos... (p. 88)

As crianças, sobretudo, identificam essa educação oferecida pela natureza, a imaginação das crianças depende inteiramente desse contato com o meio ambiente. (p.99)

Destaquei várias outras partes, porém escolhi essas, pois de alguma forma tem a ver como foco as crianças.

Ao abordar as temáticas ambientes e brincadeiras que dão voz aos bebês, importante considerar quem são as professoras que lidam diretamente com eles. Elas têm direito a voz? São ouvidas em suas necessidades formativas ou mesmo com relação aos desafios com os bebês? A quanto tempo estão na carreira, quais são suas expectativas diante desse trabalho? Levar em consideração os saberes das professoras, possibilitar ampliação de saberes, acompanhar, estar junto para pensar, refletir, fortalecer, desafiar, confiar, acreditar fazem toda diferença.

Essas perguntas se fizeram presentes no curso de extensão, o qual se passa este relato de experiência, intitulado “O entrelaçar de Saberes - o bebê em foco”. A partir dele olhei busquei fazer uma análise da prática pedagógica, do ponto de vista do formador e os resultados da intervenção formativa realizada por mim como docente do curso de extensão. Este aconteceu no ano de 2019 e teve por objetivo dialogar sobre o trabalho com os bebês envolvendo professores do berçário, coordenadoras pedagógicas de Centros de Educação Infantil e estudantes de Pedagogia da UNICEU.

O curso surgiu da necessidade das professoras do berçário em continuar se apropriando de saberes relacionado aos bebês numa perspectiva ativa participativa e se fortalecer enquanto agentes dessa perspectiva de atuação com bebês. Ao participar de uma reunião para estabelecer parcerias entre DIPED São Miguel e UNICEU, ambas pertencentes ao mesmo território, solicitei o uso de algum espaço para realizar estudos com algumas professoras acerca do trabalho com bebês. A coordenadora da UNICEU polo Curuçá ficou interessada e propôs que eu montasse um curso de extensão com a temática e envolvesse também as estudantes do curso de Pedagogia, pois ficaria mais fácil conseguir um local para os estudos.

Montei a proposta com um encontro mensal, todo segundo sábado de cada mês tendo como ponto de partida as necessidades e interesses das professoras. Para a aprovação do curso de Extensão, foi necessário definir temas a serem abordados em cada encontro. .

Os sete encontros foram realizados no polo da Universidade do Centro de Educacional Unificado (UNICEU) Vila Curuçá em São Miguel Paulista, no período da manhã. Participaram do curso estudantes de Pedagogia, coordenadoras

pedagógicas que atuam em Centros de Educação Infantil das Unidades Diretas e Parceiras e professoras que atuam no berçário I da Rede Municipal de São Paulo.

Os encontros foram realizados com dezesseis participantes, dentre elas dez professoras, duas coordenadoras pedagógicas e cinco estudantes de Pedagogia. Os nomes delas foram alterados para preservar a identidade, sendo que uma professora escolheu o nome que gostaria de usar na pesquisa. No decorrer dos encontros fui compreendendo: há quanto tempo trabalham com bebês? O que querem saber sobre os bebês? O que conhecem sobre os bebês? Como organizam os ambientes no cotidiano para atenderem os bebês? Como escolhem os brinquedos e objetos que oferecerem aos bebês? Em que fui procurando estratégias para que pudessem proporcionar condições das participantes ampliarem seus saberes através do estudo e pesquisas para além do curso.

Procurei usar metodologias ativas, onde leituras anteriores, reflexão da prática cotidiana, vivências práticas, interação em pequenos e grandes grupos, e o diálogo permearam os encontros e contribuíram para identificar as reais necessidades formativas. Os encontros foram fotografados e as sínteses das discussões nos pequenos grupos e anotações das falas das participantes serviram de apoio para a análise dos encontros. Para dar visibilidade ao processo formativo que deu origem ao curso, anexo há o depoimento das professoras detalhando como o processo formativo reverberou em suas praticas cotidianas junto aos bebês.

III- TRAJETÓRIA DE VIDA E O ENCONTRO COM A EDUCAÇÃO

Meu interesse pela educação começou quando eu tinha onze anos de idade. Na ocasião, estudava numa escola estadual num bairro afastado de Guarulhos. Meus pais, iluminados, resolveram me trocar de escola, pois era constante a falta de professores. Havia dias em que tínhamos no máximo duas ou três aulas, raro o dia em que tínhamos todas as aulas do turno. Assim, aos onze anos, percebi as diferenças entre as escolas mais centrais e as periféricas.

A princípio pensei: “Ah, deve ser porque essa é uma escola da Rede Estadual de Ensino, e a outra era da Municipal”. Na escola da Prefeitura de São Paulo tínhamos todas as aulas, a merenda era bem variada, o ambiente totalmente limpo, inclusive as carteiras e as paredes eram pintadas e bem conservadas. Os professores tinham formação em horário de serviço e nos tratavam com muito respeito e educação. No ano seguinte, as salas da sétima série seriam à noite. Então meus pais resolveram me transferir novamente de escola, pois era perigoso para uma menina de doze anos estudar à noite.

Nessa escola, senti muita diferença, não conseguia me relacionar com quase ninguém, os alunos já estudavam juntos desde os anos anteriores. Tive muita dificuldade em ser aceita nos grupos. Praticamente não falava com ninguém; e quando tentava uma aproximação, os assuntos não faziam parte do meu mundo. As conversas eram sobre viagens, marca de roupas, passeios aos shoppings, cinema, sítio. Entendia de escorregar no barro com papelão, comprar verdura direto da chácara, tratar de pintinhos, galinhas, cachorros, gatos, caçar lesmas e cuidar dos irmãos mais novos.

Com relação aos conteúdos, estavam além do que eu já tinha aprendido. Por mais que me esforçasse, não conseguia acompanhar, estudava em casa, fazia os exercícios novamente, quando perguntava para a professora, os outros alunos davam risadas das minhas perguntas, ouvia: “*Vixi, como assim você não sabe isso?!*”. Sabemos como são os adolescentes... Foi quase impossível alcançar o nível daquela escola, mesmo meus pais pagando aulas particulares de matemática.

Conclusão: acabei repetindo a sétima série. Eu amava estudar, chorava para ir à escola, mais não deu. O alerta do meu pai me fez estudar mais ainda dia e noite: “Se você não passar de ano, vou te tirar da escola!”. Mal dormia até começarem as aulas, passei as férias todas estudando as matérias em que reprovei. Para minha surpresa, no início das aulas, percebi que as matérias eram iguais, até as atividades; consegui tirar dez em diversas matérias. Todos queriam ficar comigo, porque eu sabia tudo, segundo os alunos.

Essa situação me fez refletir: por que as crianças que moram na periferia têm conteúdos diferentes das escolas mais centrais? Por que no bairro em que eu morava, considerado bairro de “pobre”, a merenda era horrível, a escola toda pichada, carteiras quebradas, não havia professores? Como todo adolescente daquela época, eu achava que podia consertar o mundo, então escolhi ser professora, pois eu achava que poderia mudar o mundo! Não mudei o mundo, mas tenho certeza que procurei fazer a diferença por onde trabalhei, principalmente na vida dos bebês, crianças, adolescentes, jovens e adultos, surdos ou ouvintes, que passaram por mim e também colaborei de certa forma para a ampliação dos saberes das professoras das quais fui coordenadora.

Nesse percurso escolar, três professores marcaram minha vida: a primeira professora da 1ª série (tive duas), que chamava os alunos em situação de vulnerabilidade e, com muito carinho e atenção, orientava-os a lavar o rosto, as mãos e algumas vezes ir ao banheiro, desvirar a roupa que estava do avesso, essa atitude me encantava. Naquela época, as crianças eram separadas por fileiras dos mais fortes, mais fracos, ela sempre procurava dar atenção aos alunos que mais precisavam e tratava a todos com respeito e atenção. A segunda professora que me marcou foi a da 4ª série, que disse: “[...] dizem que é bom a gente trabalhar diferente, mas vocês não merecem nada diferente; podem abaixar a cabeça e continuarem calados, vão continuar a copiar a lição da lousa”. E o último professor que me marcou foi o de artes da 5ª série, que trabalhava de uma forma diferente, alegre e contextualizada.

No Magistério, tive o privilégio de ter professoras conscientes de seu papel transformador que nos apresentaram Paulo Freire e outros autores que me fizeram compreender o que era *status quo*, pensamento crítico. Foi identificação à primeira

vista, mas também tive de ouvir o que eu estava fazendo na educação, se eu não conseguia nem colar um palito de sorvete no navio do Descobrimento do Brasil, naquelas pastas de datas comemorativas. Ufa! Ainda bem que não levei a sério tal comentário, e segui.

Acabei o Magistério e fui rumo ao próximo desafio. Em plena década de 1990 a filha de um vigia escolar e de uma costureira que fizeram até o 4º ano primário, com nove irmãos, que morava num bairro periférico, cursar uma faculdade era romper o *status quo*!! Pois bem, no Magistério tinha uma amiga que fazia cursinho no Anglo, ela me emprestava as apostilas e eu passava os finais de semana no Centro Cultural São Paulo, estudando sozinha, quebrando a cabeça com as matérias de Física, Química, Matemática e Inglês, pois tive tais disciplinas apenas no primeiro ano do Magistério.

Naquela época, ou você passava na USP, ou adeus faculdade. Existiam faculdades pagas e eu não tinha como pagar. Uma possibilidade era eu entrar como bolsista na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC–SP), pelo fato de o meu pai trabalhar como segurança: filhos de funcionários, dependendo do curso, tinham 100% de bolsa. Minha meta era entrar na USP. Estudei dias, horas, minutos, consegui passar na primeira fase da FUVEST, na segunda não foi possível. Prestei o vestibular da PUC–SP e passei em 46º lugar, conseguindo, assim, cursar a faculdade com todas as exigências cumpridas: tirar nota acima de seis, não ficar em DP, dentre outras.

Para contemplar minha alegria e enriquecer minha prática, tive o privilégio de trabalhar na CRECHE OESTE da USP, de 1991 a 1994. Iniciei minha carreira trabalhando com os bebês do berçário. Já em 1991, a CRECHE tinha um trabalho alinhado às concepções da primeiríssima infância: os bebês deveriam ser respeitados em suas individualidades, ter acesso a materiais desafiadores e ótimo repertório linguístico. Nesse primeiro ano, eu era responsável pelo Ateliê de Histórias e, dentre outras tarefas, deveria diariamente, no mesmo horário, estar embaixo da árvore central da área externa com um livro, e começar a ler, mesmo que nenhum bebê ou criança estivesse lá para ouvir. Foi incrível! Com a constância e a garantia do momento, no decorrer dos dias e meses, os bebês e crianças já sentavam embaixo da árvore, esperando a história da tarde.

Nessa creche, eu trabalhei em praticamente todos os agrupamentos, também fui responsável pela organização do Ateliê de Arte, e ali permaneci por quatro anos.

No último ano da Faculdade fui convidada para assumir uma sala com crianças surdas na rede estadual de ensino que estava sem professora, permaneci três anos trabalhando nessa escola até o fechamento da sala especial em meados de 1997.

Levei como bagagem de trabalho, a importância da leitura; de proporcionar ambientes desafiadores com diferentes propostas e intervenções, desde elementos da natureza até objetos diferenciados; do respeito às necessidades individuais; do registro; e dos projetos que levem em conta os interesses das crianças, além de um trabalho contextualizado. Essas práticas, aliadas aos conhecimentos das especificidades do trabalho com as crianças surdas, contribuíram bastante para qualificar meu trabalho junto a crianças surdas de três a doze anos e promover o desenvolvimento das crianças e adolescentes.

Na ocasião, foi necessário um trabalho junto às famílias para aceitar a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), uma vez que elas acreditavam que aprendendo LIBRAS, as crianças deixariam de aprender a falar.

Nenhuma das crianças fazia acompanhamento fonoaudiólogo e os aparelhos de amplificação coletiva da sala estavam quebrados. Foi um trabalho desafiador! Após conhecer as especificidades de cada criança, passei a habitar os diferentes espaços da unidade, tanto para dar visibilidade às crianças quanto para incluí-las na rotina da unidade.

Com o fechamento da sala especial devido o decreto estadual, nesse meio tempo, havia prestado Concurso de Professor na Rede Municipal da Prefeitura de São Paulo, assumindo uma sala de 3º ano no bairro de Cidade Tiradentes.

Em 1997, o cenário ali não era muito diferente dos bairros mais periféricos de São Paulo: falta de professores, principalmente no ciclo II do Ensino Fundamental, escola pichada, enfim, um cenário bastante conhecido por mim. Eu tinha um acervo pessoal de livros e levei para a sala de aula, para que as crianças tivessem acesso aos livros de histórias. Em parceria com outra professora, montamos alguns projetos em comum para que pudéssemos atender às necessidades das crianças que,

apesar de frequentar o 3º ano, ainda estavam em processo de aquisição da escrita e da leitura.

Em 1998, a coordenadora dessa escola me convidou a escrever um projeto, apresentar ao Conselho de Escola para ser professora da Sala de Leitura. Após aprovação e designação através do Diário Oficial de São Paulo, cataloguei mais de oitocentos livros e montei a sala de leitura, com empréstimos de livros para as crianças e momentos de apreciação de diferentes gêneros literários. Foi um trabalho gratificante poder colaborar com o acesso das crianças ao mundo da leitura. Em parceria com algumas editoras, realizei várias feiras de livros a preços acessíveis. Eu costumava dizer que a sala de leitura era um lugar de vida, em meio à realidade das crianças em situação de vulnerabilidade.

Minha paixão continuava sendo o trabalho com as crianças surdas. Então em 1999, prestei outro concurso e passei a acumular dois cargos de professoras, sendo um cargo era professora da Sala de Leitura e o outro professora de alunos surdos adultos do EJA, à noite. Além de trabalhar com LIBRAS, também usei como estratégia de ensino a dramatização, que colaborou para o entendimento do contexto da história do Brasil, de forma crítica e contextualizada.

O mais interessante é que uma aluna de mais de sessenta anos, que nunca havia frequentado a escola e imitava tudo o que via, após o teatro passou a se comunicar, expressando suas necessidades. Os alunos participaram da montagem dos cenários, fizemos um trabalho envolvendo diferentes turmas.

No período diurno, surgiu, após mais de três anos como professora da sala de leitura, a oportunidade de ser coordenadora designada da unidade. Foi uma experiência enriquecedora, pois como professora de sala de leitura, possuía certa liderança no grupo e como coordenadora, isso me ajudou bastante.

Enquanto coordenadora, minha primeira ação foi levar todos os professores da unidade para uma visita ao território, onde as crianças moravam. Levei-os até um barranco de terra no qual os barracos mal paravam em pé, e sugeri, antes deles verem as casas de madeira que observassem “de onde vinham nossos alunos,

notem o trajeto que eles fazem para chegar até a escola e as condições em que eles vivem”, era por volta do ano 2001.

Fez-se um silêncio ensurdecedor, alguns não contiveram as lágrimas. De volta à escola, passamos a estudar quais estratégias usaríamos para garantir a aprendizagem dos alunos, e que atitudes éticas construir para acolhê-los, independentemente das condições em que chegassem à escola.

Quando chovia, muitos vinham com as roupas sujas de barro, pois tinham que escalar o barranco até chegar à rua e ao chegar à escola, muitas vezes eram recebidos de forma não tão acolhedora. Vendo hoje, consegui, diante do que tinha, sensibilizar e garantir alguns direitos a esses alunos, o restante, como a falta de professores e de estrutura, ainda viria a ser garantido nos anos vindouros, com a melhoria das verbas e estrutura da rede.

Em meados de 2001, fui convidada, para assumir uma sala de Apoio dos alunos surdos inseridos no ensino regular, permanecendo até 2003 em que fui chamada através do Concurso Público para ser coordenadora efetiva.

Acessei como coordenadora numa escola de surdos da Rede Municipal de São Paulo e, por meio de um trabalho em parceria com as professoras, fizemos uma avaliação diferenciada com os alunos. Elegemos os conteúdos que queríamos avaliar junto aos alunos do ciclo 2 em todos os componentes da grade curricular e, em seguida, pensamos em como poderíamos montar uma avaliação em contexto. Separamos os alunos em diferentes agrupamentos e, por equipes, eles tinham alguns desafios a cumprir:

- a) Ler uma história, montar uma apresentação com cenários e dramatização;
- b) Resolver alguns desafios matemáticos de acordo com problemas reais;
- c) Participar de um jogo onde as questões se baseavam em fatos históricos e geográficos;
- d) Por fim, participar de gincanas colaborativas de jogos que tinham relação com a Educação Física.

Foi um trabalho que envolveu e desafiou todos os alunos, além de propiciar interações, solidariedade, colaboração e diferentes potencialidades, uma vez que

para que o grupo superasse o desafio, era necessário o envolvimento de todos. Essa experiência foi muito rica para todos, inclusive para a equipe docente, que viu os alunos se esforçando e trabalhando muito para superar e realizar as tarefas propostas, e com muita vontade de aprender.

Devido à distância da Escola de surdos e por meu filho ser pequeno, decidi concentrar meu trabalho na Zona Leste, dessa vez como coordenadora de um CEI da Rede Direta na Cidade Tiradentes.

Em 2005, a realidade das creches da Secretaria Municipal de São Paulo, era bem diferente da realidade que tive a oportunidade de trabalhar nos anos de 1991 a 1994. Foi um tremendo choque de realidade! Mesmo sem hora de estudo, consegui organizar momento de estudos com as professoras. Pegava livros emprestados da biblioteca de Guaianases para levar à creche e incentivar a leitura das professoras para as crianças, procurei trabalhar com materiais não estruturados como alternativa enriquecedora para o trabalho com as crianças, enfim, foram tentativas para que os bebês e as crianças bem pequenas tivessem acesso a um trabalho cada vez de melhor qualidade.

A unidade ficou sem direção por muito tempo. Nesse período, o quadro de funcionários era composto por Auxiliares de Desenvolvimento Infantil (ADIs), algumas professoras recém chegadas do concurso público, eu como coordenadora e alguns funcionários de apoio. Foram momentos desafiadores. Em 2006, a supervisão escolar foi muito parceira e colaborou muito com o trabalho.

No período de 2008 a 2013 trabalhei no Centro, Centro de Formação e Acompanhamento à Inclusão tanto na Diretoria de Educação de Guaianases, na de Itaquera, dando suporte às professoras que tinham alunos surdos e cegos no ensino regular. Eu ampliava material para as crianças com baixa visão, confeccionava histórias táteis e ensinava LIBRAS para as professoras que tinham alunos surdos inseridos na sala regular.

Em 2014, retornei a coordenação de um Centro de Educação Infantil (CEI), situado na região de Itaquera. Permaneci nessa unidade de educação infantil até 2018.

De 2018 a 2019, trabalhei como formadora da DIPED São Miguel/ Educação Infantil, local que tive a oportunidade de propiciar o curso que detalharei mais a frente. Atualmente sou coordenadora em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) que atende crianças de 4 e 5 anos.

Diante de toda experiência de quase vinte anos atuando junto as crianças, adolescentes, jovens e adultos surdos, escolhi relatar o processo formativo envolvendo professoras de bebês, pois podemos deixar marcas profundas tanto para o bem quanto para o mal e conforme Hilmmann (1996,p.88), “as crianças são profundamente afetadas por uma gama de pessoas que interagem com elas, pela alimentação, pela música, pela televisão, pela esperança que elas veem no mundo dos adultos”.

Quando subsidiamos o trabalho dos profissionais que lidam com bebês, os escutamos e os apoiamos, inevitavelmente notamos as mudanças de atitudes nos bebês. Eles choram menos, são mais solidários, seguros, atentos, curiosos e solidários. Mostra disso constam anexo no final do trabalho o depoimento de duas professoras de bebês que escolheram seus nomes fictícios para preservar a identidade e relataram seu processo de transformação e o quanto notaram mudanças nos bebês.

No depoimento as professoras narram um pouco das suas trajetórias, seus desafios, superações e processo que vivenciaram enquanto professoras de bebês e o quanto os momentos formativos colaboraram para a ampliação de saberes e interesse em estudar ainda mais sobre essa fase da vida.

IV- A METAMORFOSE: A TRANSIÇÃO DE PROFESSORA PARA COORDENADORA

Ninguém nasce coordenadora ou se torna uma de uma hora para outra. Há um processo de transição de professora para coordenadora, sendo necessário tempo para constituir uma identidade enquanto coordenadora. Ser professora tem seus desafios e você tem em suas mãos escolhas a serem realizadas para que seus alunos consigam desenvolver-se, você é um mediador de conhecimentos, é responsável diretamente pelo trabalho.

Já na coordenação, você está em outra posição, sendo necessário ser um articulador entre os diferentes atores da unidade: famílias, professores, equipe gestora, sem perder o foco formativo do seu trabalho. Na coordenação os desafios são outros, de acordo com Rinaldi (2014, p.150) “Sejamos capazes de buscar aquilo que nos une, mais do que aquilo que nos separa [...]”, para garantir que cada vez mais os bebês e crianças sejam ouvidos e atendidos em suas especificidades.

Ser o mediador dentre tantas concepções encontradas dentro de uma unidade escolar é um dos maiores desafios. Segundo Oliveira Formosinho (2009, p.228) “Que o bom ensino” produz melhor aprendizagem, ninguém provavelmente discordará. A discordância surge quando quiser se chegar ao acordo sobre o que é bom ensino!”

Considero primordial para a realização de um trabalho na coordenação ter princípios norteadores de ação bem definidos, procurar ter conhecimento dos princípios da comunicação não violenta, conhecer a história de vida dos educadores, os princípios da primeira infância e ter claro quais estratégias formativas podem ser usadas para possibilitar a reflexão e o aprofundamento dos saberes dos professores.

Segundo Silva (2019, p.22) cabe ao coordenador não apenas ajudar no direcionamento do trabalho, responder às dúvidas e inseguranças dos professores, ajudá-los na busca de respostas, mas fundamentalmente, formular as questões que perpassam o trabalho da escola e que orientam o percurso da equipe docente. Trata-se de formar um professor como um profissional prático-reflexivo que, ao se

defrontar com as situações de incerteza tão comuns na vida, seja capaz de decidir para intervir de forma mais prática em tais situações (IMBERNÒN, 2011).

A constituição do coordenador enquanto identidade requer apoio de uma rede sólida: apoio formativo, supervisão escolar alinhado aos princípios da Primeira Infância, no caso da educação Infantil. Dubar (2005; 2009), sociólogo que tem embasado estudos sobre a constituição identitária do coordenador, define-a como processo caracterizado por um movimento dialético vivido pelo sujeito com as atribuições (aquilo que os outros lhe dizem/esperam que ele seja) e as pertenças (identificações ou não identificações do sujeito com as atribuições que lhe são conferidas). Então, a identidade é um processo extremamente complexo, que envolve todas as dimensões do sujeito e do social, o passado e o presente, o biográfico e o relacional.

É de suma importância a parceria que se estabelece com a supervisão escolar, que deve acolher e orientar o coordenador, ser parceiro nas proposições e desafios enfrentados cotidianamente na unidade educativa. O olhar sensível de um supervisor qualificado, atento aos princípios da Primeira Infância faz toda a diferença para que o trabalho do coordenador vá criando musculatura. A leitura e a devolutiva construtiva e pontual do Projeto Político Pedagógico da Unidade, do plano de formação, bem como o acompanhamento das ações formativas do coordenador são essenciais.

À medida que vamos lidando com os desafios diários do cargo e passamos a refletir e estudar sobre as especificidades do trabalho do coordenador pedagógico, a tendência é ir aprimorando a prática cotidiana junto aos professores e à equipe gestora. Trata-se de um processo que necessita de estudos tanto específicos acerca do papel formativo do coordenador, como lidar com os diferentes perfis dentro de uma unidade, lembrando que os princípios de uma gestão democrática estão presentes na legislação, sendo um movimento de construção diário dentro das instituições.

Estratégias formativas, elaboração de pautas formativas, devolutivas potentes que venham a contribuir com o aprimoramento cotidiano dos educadores, pautas de acompanhamento e observação do trabalho precisam ser abordadas e

compartilhadas para que cada vez mais o coordenador possa qualificar seu trabalho. Nesse universo, ouvir dizer que você deve ser uma coordenadora reflexiva causa estranhamento, pois para quem recém saiu da docência, tais termos causam várias indagações. Aconteceu comigo. O que é ser uma coordenadora reflexiva? Como melhorar minha atuação junto as professoras? O que proporcionar enquanto aprimoramento dos saberes diante da perspectiva da Pedagogia Ativa Participativa? Onde encontrar suporte de cursos e parcerias que venham ao encontro a essas demandas?

Diante desse contexto, após passar alguns anos fora da função de coordenadora, uma das primeiras ações que realizei foi procurar locais que pudessem colaborar com a temática da Primeira Infância na perspectiva da concepção dos bebês e crianças ativa-participativa. Felizmente nesse percurso investigativo, conheci várias pessoas que colaboraram com minha formação e atuação enquanto coordenadora e que colaboraram de forma significativa para o trabalho junto às professoras dos bebês e crianças pequenas.

V- DA ESCUTA À AÇÃO: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Da década de 1980 até o ano de 2013, muitos estudos específicos foram publicados, dando cada vez mais visibilidade aos bebês. Quando trabalhei com bebês em 1991, o aporte teórico se baseava nos princípios de Freinet, passávamos momentos estudando, refletindo como garantir ambientes de qualidade e desafiadores para os bebês e as crianças.

A esse respeito, Oliveira-Formosinho, Kishimoto, et al(2007, p.157) destacam: “[...]conhecer é muito mais que memorizar, é construir dialeticamente o conhecimento, por uma relação dialógica, cooperativa, multidisciplinar, enfrentando as limitações materiais”. Nesse ambiente, o professor também é um pesquisador, o profissional que incentiva a descoberta e a realização pessoal do indivíduo, no seio do grupo cooperativo de cujo interesse todos participam e cujas recomendações abrangem a todos. As autoras complementam que “o auxílio cooperativo deve ser um motivo constante, o docente deve ser um mediador, aquele que conhece, respeita e orienta o processo educativo em uma parceria dialética permeada de afeto e respeito”.

Freinet considerava a observação que fazia das crianças e da natureza para propor uma aprendizagem real, que tem como fonte a pesquisa e o contato harmônico com a natureza, facilitando sua tendência e encorajando-o a querer ultrapassar sempre os próprios limites (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2007).

Naquela época, em 1991, o trabalho com os bebês era realizado de forma afetuosa, colaborativa e intenção era garantir que fossem protagonistas e nós, educadoras, observar suas necessidades e pensar em estratégias para que eles pudessem desenvolver-se plenamente de forma autônoma. Naquele momento era feito um exercício de observação e pensar em propostas que garantissem sentir o vento, ficar de fraldas, descalços e sentir a textura do chão, brincar com água e outros elementos da natureza, ora integrados com outras crianças maiores, ora em pequenos grupos ou de forma individual.

Cabia às educadoras registrar esses momentos, refletindo tanto sobre suas propostas, quanto sobre a participação, os interesses e necessidades dos bebês. Era feito um diário cotidiano do desenvolvimento dos bebês e, ao final do ano, os pais levavam o registro do percurso do seu bebê.

Ao retornar à educação infantil em 2014, na coordenação de um Centro de Educação Infantil que atende bebês e crianças de até 3 anos e 11 meses, resolvi me atualizar para qualificar ainda mais a prática cotidiana junto às professoras, uma vez que fazia décadas que havia trabalhado com bebês, tanto como educadora, quanto como coordenadora.

Foi assim que conheci, em Campinas, uma escola que também era um Centro de formação para educadores da Primeira Infância, e tive a oportunidade de conhecer os princípios da abordagem da médica húngara Emmi Pikler. Foram encontros incríveis nos quais a formadora trouxe sugestões de leitura e de aprofundamento sobre essa temática, que tanto me interessa. A partir desse curso, participei de vários outros em São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, inclusive um em parceria com a França. Tudo com a intenção de qualificar cada vez mais a prática das professoras com relação aos bebês.

Na ocasião, o único livro disponível sobre a abordagem Pickler era “Educar os três primeiros anos: a experiência de Loczy”, de Judit Falk, traduzido por Sueli do Amaral. Essa abordagem conversa plenamente com a perspectiva da Pedagogia Ativa Participativa, que prioriza a observação, a escuta e a negociação que coaduna com a observação dos interesses e necessidades dos bebês de modo a propiciar condições para que possam desenvolver-se plenamente.

Tendo em vista o repertório profissional, o estudo de teóricos que abordam o trabalho com bebês na perspectiva ativa participativa comecei a utilizar esses saberes durante o processo formativo das professoras do CEI. Causa certo estranhamento falar em escuta de bebês e de crianças, brincar livre, organizar ambientes onde os bebês e crianças possam realizar processos investigativos. Aspectos que fomos estudando com respaldo de teórico, fundamentado a princípio nas Diretrizes Curriculares da Educação Infantil (2009) e depois com os documentos da rede municipal de São Paulo, Currículo Integrador (2015), Padrões

de Qualidade da Educação Infantil (2015) , Indicadores de Qualidade(2016), como livros que abordavam novas perspectivas do trabalho com a Primeira Infância .

Como uma das estratégias formativas, utilizei a homologia de processos, que em outras palavras trata-se de fazer junto as professoras o mesmo processo que deverá ser realizado junto aos bebês e crianças. Nos momentos formativos procurava organizar ambientes interativos, desafiadores para que as professoras pudessem levantar hipóteses, pensar na sua realidade junto aos bebês e crianças e depois proporcionar essas vivências para os bebês e crianças de suas respectivas turmas. Enquanto coordenadora costumava filmar, depois analisar como foram as interações, descobertas e outras possibilidades realizadas tanto pelos bebês quanto pelas crianças, assim fizemos com os cestos dos tesouros, o brincar heurístico e com os elementos da natureza. Diante dos registros escritos e de filmagens, nos momentos formativos as professoras compartilhavam as descobertas, investigações, desafios e fragilidades durante esses momentos de interação dos bebês e crianças e as materialidades.

Houve vários desafios, principalmente com relação ao brincar livre, que infelizmente é visto como perda de tempo ou deixar a criança livre, leve e solta nem nenhuma intenção, o que difere dos ambientes pensado como mais um educador. Como pensar num brincar livre que envolve processos investigativos? Em que momentos há mais direcionamento das “atividades” e em que momentos é necessário deixar o bebê e a criança pequena levantar hipóteses, testar e construir conhecimento? Qual o papel do professor na primeira infância? Como registrar o percurso dos bebês levando em conta a escuta e seu desenvolvimento?

Essas e outros questionamentos foram abordados através de leituras, práticas com as professoras, vídeos e demais materiais e subsídios teóricos que pudessem colaborar com a prática pedagógica junto às professoras. O desenvolvimento dos bebês a partir do trabalho voltado às suas necessidades de forma respeitosa, com a organização de um ambiente desafiador e a presença de um adulto que faz a mediação do que ele ainda não é capaz de fazer sozinho, faz toda diferença na constituição e desenvolvimento do bebê.

VI. O TRABALHO COTIDIANO JUNTO ÀS PROFESSORAS DE BEBÊS

Quem são esses bebês? Quais suas necessidades? Como fazer um trabalho diferenciado, respeitando o tempo de cada bebê? O Currículo Integrador da Cidade de São Paulo, lançado em 2015, colaborou com nosso trabalho, ampliando a liberdade de ação dos educadores e garantindo um trabalho de acordo com as especificidades do bebê, levando em consideração o ritmo e o tempo de cada um.

Devido às especificidades dos bebês, as formações aconteciam também in loco na sala do berçário I, em alguns momentos em conversas específicas com as professoras do berçário, através da observação sistemática, leitura dos registros com devolutivas reflexivas.

A partir do livro “Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche: educação de 0 a 3 anos” de Elinor Goldschmied e Sonia Jackson no qual descobrimos o brincar heurístico e os cestos dos tesouros, passamos a estudá-lo e a partir do nosso entendimento colocamos em prática.

A pedagoga Elinor Violet Sinnott Goldschmied, nasceu na Inglaterra em 1910, formou-se como educadora de infância e assistente de Psiquiatria. Foi responsável por um grupo de crianças refugiadas que demonstravam muita raiva. Observando as crianças, Elinor notou que elas eram obrigadas a fazer as mesmas coisas, sem atenção ao ritmo individual. Ao proporcionar situações que respeitavam o ritmo de cada uma, as crianças foram mudando suas atitudes.

Após a segunda Guerra Mundial, a autora retornou à Itália, visitou vários orfanatos. Só mais tarde, em 1948, junto de Elda Scarzella, criadora de um espaço de acolhimento para mães e crianças vítimas da guerra, passou a observar como os bebês e as crianças bem pequenas brincavam. Assim, através da observação, análise e estudos, foi elaborando os princípios do seu trabalho, que envolve o brincar heurístico e os cestos dos tesouros. Seu trabalho baseia-se na perspectiva de escuta e no direito da criança participar ativamente do seu processo de desenvolvimento e o direito de brincar, qualificando os ambientes e materiais para

que as crianças possam interagir, descobrir, pesquisar, considera um lugar para viver. Fochi (2018, p.53), de acordo com os estudos de Goldschmied, afirma:

Organizar um contexto satisfatório significa oferecer possibilidades de brincadeiras, interesses, movimentos livres, investigações. Deve descentralizar da figura adulta e gerar a atividade da criança a partir de sua própria escolha. Sem dúvida, esse é um aspecto fundante e desafiador para a construção da especificidade da Pedagogia da Infância.

O ambiente bem como os materiais a serem oferecidos aos bebês e às crianças bem pequenas influenciam e colaboram com seu desenvolvimento, notamos o quanto os bebês passaram a ficar mais tranquilos, concentrados investigando os objetos disponíveis.

Foram momentos incríveis! Resolvemos usar os cestos dos tesouros que são coletâneas de diferentes materiais, com exceção de objetos de plástico por todos os agrupamentos. Cada turma de bebê/crianças investigou e brincou com os objetos de formas diferentes. Os bebês levavam os objetos à boca, os maiores faziam jogos de imitação usando os objetos para alimentar, dar banho. As crianças de três anos criavam narrativas envolvendo histórias infantis, fatos do cotidiano.

O mesmo ocorreu com o brincar heurístico, em que os objetos são classificados por categorias: plásticos, elementos da natureza, papelão, madeira, pedras. O princípio é oferecer objetos com formas e infinitas possibilidades. As crianças inventaram jogos, brincadeiras, com os elementos da natureza; as crianças maiores levantaram várias hipóteses com relação à origem do fogo. O relato da professora Gabriela evidencia a potência dessas materialidades.

“Com o cesto dos tesouros, fui fazendo a transição para os brinquedos heurísticos, e a resposta claro, positiva. Oferecer a eles esse tipo de material era tão intenso, que podia sentir a respiração deles, e o olhar curioso de cada um. A cada “brinquedo” uma descoberta, a cada descoberta deles uma minha, ou seja, eu estava totalmente mergulhada num mundo onde a aprendiz era eu.”

Retornando aos bebês, montamos, em 2018, um ambiente onde o brincar heurístico e os cestos dos tesouros seriam o foco do nosso trabalho. As professoras classificaram os objetos por categorias e deixaram os livros de panos, de plástico, e de cartonagem à altura dos bebês. Esses materiais eram guardados sempre no mesmo local, previamente pensado pelas professoras. As professoras também

pensaram nos espaços da sala, onde iam proporcionar vivências para cada bebê, pois havia bebês de 4 a 8 meses. Elas organizavam os ambientes desafiadores para os bebês que não se sentavam, para os que já se sentavam e para os que já engatinhavam.

O movimento livre foi respeitado, bem como a atenção individualizada no momento do banho. As professoras, combinaram entre elas como seria feito o momento de troca dos bebês, que roupa seria retirada primeiro, procurando antecipar aos bebês tudo o que seria feito com eles. O contato olhos nos olhos era um dos princípios que elas não abriam mão de realizar. Esse momento, segundo pude observar, era muito calmo, tranquilo, os bebês tinham o privilégio de terem um atendimento individualizado com muita dedicação e afeto. A professora Jaqueline ressalta o que observou com relação aos bebês em seu depoimento:

Passado o primeiro momento (fase de adaptação), os bebês começaram a mostrar-se mais seguros, e autônomos, cada um em seu tempo. Sentiam-se acolhidos em suas necessidades e especificidades. Os momentos de cuidado como banho/ higiene eram muito valorizados pelas professoras dos dois períodos (trabalhávamos em comum acordo), pois, eram oportunidade de cuidado e atenção individualizada, um momento rico para a criação de vínculos e de confiança entre o bebê e a professora.

O mais interessante foi ouvir uma das professoras do berçário dizer: “Teresa, esse ano as crianças andaram mais rápido e já estão falando”. O simples fato de respeitar o ritmo de cada bebê e oferecer-lhes condições de superarem por si seus desafios foi de extrema importância para a formação deles. Também observei o quanto eles eram colaborativos, quase não mordiam os outros bebês, ao contrário, quando um estava chorando, o outro ia fazia carinho e parecia consolar com balbucios e gestos de amor e acolhimento.

A fala da professora me remeteu ao livro do André Trindade, “Gestos de cuidado, gestos de amor” (2007, p.96) onde ele aborda que o andar, o falar e o pensar, segundo o pensamento de Rudolf Steiner (1861-1925), criador da medicina e pedagogia antroposóficas, apresenta os três primeiros anos da criança de uma forma que parece fazer bastante sentido: no primeiro ano, o foco são os movimentos, vencida essa fase vem a questão da fala e, por conseguinte, o descobrimento do eu e a interligação entre as coisas.

De acordo com Trindade (2007, p.24) é possível acompanhar o desenvolvimento do bebê ainda dentro do útero, o que era impossível há algumas décadas. O primeiro ambiente com que o feto tem contato é a parede uterina, onde tem a possibilidade de tocar e se movimentar. Com os estudos, tornou-se evidente que os bebês registram tudo ao seu redor e que, através das sensações, emoções e gestos vão percebendo o ambiente onde estão inseridos. Caso esse ambiente seja desfavorável, gerando extremo desconforto, o organismo do bebê passa a produzir hormônios relacionados ao estresse, que é comunicado através do choro, contorções, caretas e atitudes de incômodo.

Assim, continua Trindade (2007, p.31) um ambiente desfavorável pode imprimir caminhos fortes de desamor, desconfiança, insegurança, dificuldade em aprender e, ao mesmo tempo, enfraquecer os caminhos do amor, da confiança, da inteligência. O autor acrescenta, que o bebê precisa tocar o objeto que vê a fim de poder compreender o que ele enxerga (p. 52). À medida que o bebê experimenta sensações, vai construindo a memória de suas vivências e, conseqüentemente, seu pensamento. Os sentidos também construirão a noção de limites entre o que acontece dentro e fora de seu corpo.

Deixar o bebê chorando sozinho, largado em seu sentimento de abandono, para que ele aprenda por conta própria, acostume-se ou se canse, certamente não parece uma boa opção. Muitos bebês acabam tornando-se apáticos, silenciosos e inexpressivos, alguns podem demonstrar isso rejeitando o alimento e perdendo peso.

Além da atenção, “O ambiente também deve ter algo constante, alguém já se imaginou acordando cada dia em um quarto diferente, em outra cama? Quem já não viveu a experiência de, ao despertar, perguntar-se: Onde estou?” (TRINDADE, 2007, p.99). A criança reconhece seu quarto, seu berço, seus objetos e brinquedos; mais tarde, as roupas que veste; o bebê precisa de referências constantes. As crianças se apegam aos objetos e sentem muito quando são privados dos mesmos (TRINDADE, 2007, p.100).

Segundo Tardos (2016 p.72), a conversa é a forma mais generalizada das atividades dirigidas. A educadora mostra para as crianças sentadas em círculo, um

objeto ou imagens. Coloca perguntas e as crianças respondem: é a conversa. A professora mostra, por exemplo, uma maçã e pergunta o que é, o que se pode fazer com ela, quem gosta de comer maçãs? Onde já viram antes, de que cor ela é? etc. Entretanto onde fica o protagonismo das crianças? Como os bebês, que necessitam pegar o objeto para conhecê-lo, podem se apropriar e ampliar os conhecimentos nessa perspectiva de atendimento?

Continuei atrás de suporte para fundamentar a prática junto às professoras e nesse intuito participei de alguns cursos com a arte educadora Stela Barbieri, a formadora brincante Adriana Klisys e Fabiane Vitiello, em diferentes locais e com temáticas convergentes: os ambientes e materiais que colaboram com o processo investigativo dos bebês e crianças. Com base nesses estudos e na pesquisa sobre o ambiente como terceiro educador, comecei a problematizar a questão dos ambientes no CEI e a desafiar as professoras a proporcionar outros materiais, diferentes dos brinquedos de plásticos prontos.

Ao sair do CEI, após cinco anos, para trabalhar com formação de coordenadores e professores de Educação Infantil na Diretoria de Ensino de São Miguel e com a intenção de continuar a formação continuada das professoras do berçário, montei o curso de extensão: O entrelaçar de saberes- o bebês em foco, onde detalho nas próximas folhas.

VII. O ENTRELAÇAR DE SABERES: O BEBÊ EM FOCO - RELATO E ANÁLISE DE UM CURSO DE EXTENSÃO

Apresento a seguir o relato do curso de extensão coordenado por mim, trazendo os resultados percebidos junto ao grupo. Trago o planejamento e a experiência vivida.

O curso de extensão foi planejado para atender as necessidades das participantes envolvidas com relação aos saberes envolvendo os bebês.

7.1. Primeiro encontro

No primeiro encontro, a sala multiuso do polo UNICEU do CEU Vila Curuçá, foi organizada com papéis coloridos na entrada e canetas para escreverem o nome e perguntas que trouxeram ao curso. No centro da sala tinha alguns materiais: papéis coloridos, diferentes linhas, cola, tesoura, tintas, pincéis e tecidos.

À medida que foram chegando solicitei que cada participante escrevesse seu nome e uma pergunta que trazia para o curso. Em seguida, pedi para se apresentarem e, fui colando as perguntas num painel. Eis as perguntas que surgiram:

- “Como lidar com as individualidades dos bebês?”
- “Como ter uma escuta sensível?”
- Como multiplicar essa escuta e esse olhar sensível?”
- “O que os novos autores trazem para agregar e contribuir para o conhecimento?”
- “Adquirir conhecimento e trocas de saberes que proporcione desenvolver um bom trabalho com bebês”. Como proporcionar experiências significativas para os bebês?
- “Como qualificar as experiências proporcionadas ao bebê na creche num ambiente onde a gestão e professores possuem uma concepção de criança dependente, impotente, que depende do adulto para tudo?”
- “Como podemos enriquecer as experiências dos bebês para além das necessidades de cuidados e afeto?”

- “Como posso contribuir para o bem estar do bebê e como fazê-lo?”
- “Gostaria de saber quais atividades (jogos e brincadeiras) para os bebês?”
- “Como contribuir para formação e construção da personalidade e identidade livre de estereótipos de gênero e preconceitos?”
- “Conhecer e aprender o que os novos autores trazem para o bebê?”
Como passar esse olhar (Pikler) para outras pessoas?”
- “Como o curso Entrelaçar de saberes poderá contribuir para a melhoria da minha prática pedagógica?”
- “Como fazer a escuta dos bebês”? Como auxiliar efetivamente no desenvolvimento dos bebês? Como inserir a família nesse contexto?
- “Aprimorar o meu conhecimento sobre o desenvolvimento dos bebês baseados nos princípios da abordagem Pilker. O que ela aborda em relação ao desenvolvimento dos bebês nos espaços infantis?”
- “Eu vim buscar novos conhecimentos sobre o berçário. Como se dá a forma da alimentação para os bebês?”
- Como trabalhar com bebês? Como mediar seu processo de desenvolvimento? Como levar esse conhecimento adiante? O que eu posso fazer para isso?
- “Eu vim buscar alternativas de trabalhos e técnicas. O que eu quero para meus alunos? Para que eles aprendam de fato?”
- “Comunicação clara entre pais, famílias e professores, atividade relacionada aos bebês.”
- “O que fazer com o bebê, nos espaços do CEI?”
- “Como trabalhar /ensinar os bebês?”
- “Como contribuir para o desenvolvimento dos bebês?”
- “O bebê tem autonomia?”



Figura 1: Perguntas das participantes. Fonte: da autora.

Utilizei esses dados para organizar a sequência dos materiais para estudarmos a longo do curso e separei por categorias as perguntas,

Nesse mesmo dia, pedi para representarem como são os espaços dos berçários da unidade que trabalham, usando os materiais que havia na sala: tecidos, riscadores, materiais diferenciados. Para as alunas de Pedagogia, convidei-as a pensarem: Como vocês organizariam uma sala para trabalhar com bebês? O que vocês consideram importante ter na sala dos bebês de 0 a 1 ano? O que vocês proporcionariam para esses bebês?

Já para as professoras, solicitei que elas representassem a sala do berçário onde atuam como professoras: organização dos espaços, materiais disponíveis, quem são esses bebês e como é a rotina deles. Para as coordenadoras: Como você vê o berçário: espaços, materiais, bebês e professores?

Após o momento individual, as participantes foram convidadas a montarem seis grupos mistos envolvendo uma representante de: coordenadoras, professoras e estudantes de Pedagogia. A proposta era compartilhar o material que produziram e escolher uma representante como relatora das discussões.

O primeiro grupo destacou: cantinho com exploração tátil, diferentes materiais, uso dos berços, vínculo afetivo entre os bebês e adultos, liberdade de movimento, momento de troca, higiene e vivências; também pontuaram o quanto é desafiador sair com os bebês da sala referencia, devido a falta de funcionários nas unidades, a professora acaba ficando sozinha com os sete bebês, dependendo da unidade.

O segundo grupo, pontuou uma preocupação com a linha de produção à qual os bebês são submetidos desde pequenos, rotina rígida e acelerada com tempo definido pelos adultos de acordo com a limpeza da sala e o horário comum de alimentação para todos os bebês. Também mencionou o uso de berços no berçário, o que restringe muito o espaço de movimentação dos bebês; também foi citado o medo, receio de deixar os bebês em espaços diferentes da sala de referência devido à preocupação com sua segurança.

O terceiro grupo destacou que materiais havia na sala: móveis, tampinhas, espelhos, pouco berços, sala colorida com cantinho de livros, casinha. Uma das alunas de Pedagogia disse que percebeu que o trabalho com os bebês é diferente da visão de mãe e levantou um questionamento: como as famílias entendem o trabalho no berçário?

Já o quarto grupo, destacou o quanto é desafiador ter um berçário com 14 bebês, elas se sentem como um polvo tendo de dar conta de várias necessidades ao mesmo tempo. Nesse grupo, citaram os objetos heurísticos de metais, elementos naturais, madeira, e outros que colaboram para a exploração e desenvolvimento pleno dos bebês.

O quinto grupo disse que as salas do grupo tinham televisão, espelho grande, móveis no teto, que na maioria das salas os bebês ainda não andavam e que a refeição era servida dentro da sala. Em uma das unidades, a mãe pode ficar o tempo necessário para que o bebê sinta-se seguro e acolhido na transição família /CEI.

No sexto grupo, as coordenadoras mencionaram que o berçário parece um mundo paralelo, são tantas especificidades que às vezes sentem-se com pouco subsidio para apoiar as professoras do berçário. Com relação às salas, disseram

que há materiais diversificados, as paredes são bem coloridas. Foi pontuado também o uso da calça da vovó para: “ajudar” os bebês que ainda não sentam e a necessidade de formação para todos os funcionários da unidade, para que compreendam as especificidades do trabalho com bebês, pois dependendo do local, causa conflitos o fato dos bebês ficarem descalços, brincando ao ar livre, com água, elementos da natureza e outras possibilidades ofertado aos bebês.

Após a apresentação dos grupos, coletei mais dados para trabalhar nos próximos encontros e separar materiais que contribuíssem com as necessidades apresentadas. Para encerrar o encontro, fizemos uma brincadeira adaptada das aulas do professor Wellington Nogueira, na Pós-graduação “A Voz e Vez das crianças”, adaptei a brincadeira que consistia em algumas pessoas fiarem no centro da sala e deveriam pegar objetos e jogá-los para outra pessoa. As participantes foram divididas em quatro grupos, sendo que um grupo ia participar da brincadeira e as demais iam observar a forma como eram pego os objetos, como eram jogados e a expressão das participantes.

Como tarefa para o próximo encontro deveria ler o texto da Anna Tardos: A mão educadora, relacionar com o que sentiram e observaram na brincadeira, além de escrever o que mais chamou a atenção no texto.

7.2 Segundo encontro

No segundo encontro, classifiquei as perguntas que as professoras trouxeram em 4 categorias:

- a) Desenvolvimento dos bebês;
- b) Brincadeiras com os bebês;
- c) Afeto, vínculos alimentação;
- d) Sala referência dos bebês;

A pauta do dia foi:

- a) Acolhimento das professoras;

- b) Socialização das impressões da brincadeira do final da aula anterior;
- c) Vínculo, o eixo de estudos do encontro.

Ao chegarem na sala, as participantes encontraram uma série de livros que abordam a temática relacionada aos bebês segundo estudos de vários estudiosos: André Trindade, Paulo Fochi, Emi Pikler, no centro da sala, dispostos de forma convidativa. Em círculo, começamos uma brincadeira também inspirada numa das aulas da Pós-graduação “A vez voz das crianças”.

Eu começava dizendo bom dia, olhava para a colega da direita e dizia: “Bom dia Leticia, sou a Teresa. Ela ia fazendo o mesmo, até que todas participassem da vivência. A intenção era potencializar o acolhimento e fazer uma transposição para a prática cotidiana. Qual a sensação de ser acolhida de forma especial, com atenção, olhos nos olhos? Como as famílias são acolhidas na unidade? As crianças são chamadas pelo nome? Ressaltar a importância de chamar os bebês pelos nomes, sem apelidos ou estereótipos.

Em seguida, abri espaço para que os grupos compartilhassem as reflexões que teceram sobre a dinâmica dos brinquedos do último encontro e o texto da Ana Tardos: A mão da educadora.

Os grupos foram se posicionando. O grupo quatro disse que os participantes brincaram de forma mecânica, com pouca interação e sem olhar atento e, para elas, o texto ressaltava como é importante o olhar atento, mãos suaves para lidar com o bebês. O grupo três também ressaltou que o ato de jogar os brinquedos foram mecânicos, aleatórios, sem conexão com o outro e o texto aborda o quanto é importante olhar para o bebê, o toque. O grupo um observou que, na falta de olhar para o outro, a pessoa que recebia o objeto se assustava. Destacaram que o texto trazia a importância de uma atitude tranquila, calma do adulto de referência, de antecipar o que será feito com o bebê. O grupo seis destacou: a insegurança, o olhar amedrontado e as ações mecânicas por parte dos participantes. O grupo cinco disse que não havia pista alguma, nenhuma dica de que o objeto seria lançado para determinada pessoa, e que isso causou muita ansiedade. Por fim, o grupo 2 ressaltou a importância do olhar e que as pessoas não interagiram durante a brincadeira.

Diante das observações, fiz algumas considerações com relação à importância de antecipar o que será feito com o bebê, o quanto o olhar atencioso e atento ao bebê é de extrema importância. Antes de assistirem ao vídeo “O nascimento psíquico dos bebês”, retomei o quadro de questões levantadas no primeiro encontro e disse que nosso ponto de partida seria o vínculo.

De volta aos grupos, elas deveriam compartilhar suas impressões com relação ao vídeo, escolher um aspecto dentre todos os mencionados nos grupos e estabelecer relações com o cotidiano no berçário, após um tempo voltamos ao grande grupo onde cada um passou a compartilhar as reflexões que fizeram no pequeno grupo.

Desses diálogos, surgiram, aspectos relacionados à gestação. Interessante saber que dentro da barriga, os bebês já reconhecem a voz de quem está próximo e conversa com eles, sentirem a sensação de claro/escuro (TRINDADE, 2007).

Foi pontuada a sensação do bebê de se dissolver ao ser retirado da roupa sem devida antecipação, diálogo, bem como deixá-lo sem apoio de corpo. Um grupo citou o quanto é extremamente perigoso para o desenvolvimento psíquico dos bebês o uso do celular pela mãe ou quem cuida dele, sensação de exclusão, eu trouxe a sugestão do livro: “Equação da Afetividade”, de Ivan Capellato, que aborda o quanto o acesso precoce e por várias horas às telas é prejudicial ao desenvolvimento dos bebês e crianças bem pequenas, dentre outros aspectos.

Então, retomamos as perguntas que as participantes fizeram que se referiam ao vínculo, e cada qual foi respondendo, de acordo com o que foi inicialmente considerado nos textos. Eu havia deixado as perguntas que foram levantadas no primeiro encontro em lugar de destaque na sala. Foram lidas aquelas que se referiam ao desenvolvimento motor. Em seguida, convidei as a se agruparem e discutir as anotações que fizeram do texto, relacionando-o a sua prática cotidiana: O que o texto trouxe de novo? O que você, fazendo a relação com sua prática, modificaria a partir de agora? Cada grupo compartilhou suas discussões.

A importância do adulto de referência específico para cada bebê. Antes, elas achavam que os bebês deveriam se acostumar com todos os adultos. Uma

professora mencionou a importância dessa escolha, o bebê escolhe quem ele quer como adulto, ele sinaliza. Por isso é importante um olhar atento e cuidadoso nesse momento, principalmente no momento das trocas, alimentação, que são momentos de maior proximidade e atenção mais individualizada. A importância de um ambiente desafiador que contemple as reais necessidades de cada bebê, com materiais potentes para investigação e sua constante higienização, pois os bebês costumam conhecer os objetos colocando-os na boca.

Levantou-se também o quanto as rotinas rígidas, pensadas a partir do horário da cozinha e da limpeza dos espaços, contribuem para o estresse e frustrações para os bebês. Quando é possível respeitar o ritmo individual de cada bebê, o momento em que precisa dormir, quer brincar, os bebês tornam-se mais calmos, choram menos, segundo relato de uma professora que faz uma rotina diferenciada no berçário e que conta com o suporte da equipe gestora. Há um horário estendido de almoço, cerca de 1h30, onde o almoço começa pelo bebê que está com mais fome, enquanto os outros estão brincando ou dormindo. Segundo ela, é muito mais acolhedora essa rotina do que ter 20 ou 30 minutos para que todos comam ao mesmo tempo. Foi destacado também o quanto é importante o contato dos bebês com os elementos da natureza, possibilitar investigações, descobertas, momentos ao ar livre, para promover que os bebês sintam o vento, o sol, brinquem com água, entre outras possibilidades.

Foram levantados o uso do bebê conforto, móvel e andador. De acordo com o que leram, perceberam que o uso do bebê conforto, bem como do andador, impedem que os bebês desenvolvam os aspectos motores de forma autônoma e de acordo com seu ritmo. Ressaltaram o quanto o ambiente pensado de acordo com as necessidades de cada bebê possibilita o desenvolvimento motor de forma que ele se sinta desafiado na medida, de acordo com seu ritmo, a superar desafio por desafio. Para que isso aconteça, dá para aproveitar muitos recursos já existentes. O importante, disseram elas, é conhecer profundamente quais são os princípios que permeiam o desenvolvimento dos bebês segundo os estudiosos que defendem o movimento livre, pois não adianta nada ter materiais específicos e o educador forçar o bebê a posições em que ele ainda não consegue permanecer sozinho. Ao final,

ressaltaram o quanto a sociedade, o mercado, colocam produtos que não vem ao encontro dos princípios do movimento livre, das descobertas genuínas dos bebês.

Retomei a questão do uso da móbile: A partir dos estudos que vocês fizeram, como fica o uso do móbile? Chegaram à conclusão de que atualmente o uso do móbile não é interessante, pois, para o bebê que ainda fica deitado, o móbile, além de ficar longe do bebê, impede que ele conheça sua própria mão: o olhar fica focado para o externo. Para os bebês que já sentam, a móbile fica no alto, inatingível. Uma opção seria deixá-lo à altura dos bebês, como uma intervenção no ambiente.

Para encerrar, deixei algumas orientações para a leitura do texto acerca do brincar nessa fase. A consigna foi: leia e anote o que você considera significativo do texto “O brincar heurístico e o cesto de tesouros”. O que te encantou e o que essas leituras contribuem com sua prática cotidiana junto aos bebês? Também deveriam trazer diferentes objetos para o próximo encontro: objeto de metal, madeira, plástico, tecido e outros.

7.3 Terceiro encontro

No terceiro encontro, a pauta foi elaborada entre o acolhimento e a montagem de ambientes desafiadores para os bebês, de acordo com faixas etárias diferentes, e com objetos trazidos pelo grupo. No fim, retomamos as perguntas que fizeram no início do curso e fizemos encaminhamentos para o encontro posterior.

O acolhimento foi a brincadeira do Bom Dia, mencionada no segundo encontro, em que uma primeira pessoa olha a pessoa a sua direita, e diz: “Bom dia fulano, sou a Teresa”, e assim sucessivamente, até que todos sejam bem recebidos.

De volta aos grupos, o desafio era colocar os objetos que trouxeram no centro da sala e cada grupo recebeu uma faixa etária para responder à consigna: de acordo com a idade desses bebês, o que vocês possibilitariam a eles, usando os materiais que trouxeram? Havia poucos materiais e foi desafiador montar propostas para os bebês que ainda não se sentavam, se sentavam e já andavam. Em seguida, cada grupo foi ao centro apresentar sua proposta, tendo em vista algumas perguntas disparadoras:

- a) O que vocês tinham que saber para montar essas vivências?
- b) O que selecionaram enquanto critérios?
- c) Qual o papel de vocês diante da proposta que pensaram?
- d) O que vocês irão observar?

O grupo que ficou com os bebês até os 4 meses, disse que escolheram objetos mais flexíveis que pudessem ser levados à boca, montaram um cenário onde um pano fazia a vez de um bebê deitado e com poucos objetos a 10 cm do bebê na altura dos ombros. Segundo elas, o texto trazia essa observação, pois se os objetos são colocados muito próximos, os bebês não se sentem desafiados; se muito longe, pode gerar frustração, ou mesmo “incapacidade” pois o objeto está muito além das possibilidades de apreensão do bebê. O grupo relatou a dificuldade em encontrar materiais que contemplassem as necessidades dos bebês que ficam deitados e que o papel do adulto era garantir que o bebê estivesse num lugar da sala em que se sentisse seguro, para evitar que os outros bebês pudessem cair sobre ele, ou mesmo que ele tenha tranquilidade para se relacionar com os objetos. Com relação à observação o grupo pontuou que procuraria observar os movimentos dos bebês.

O grupo que ficou com os bebês que já se sentam, montaram um cesto dos tesouros. Elas começaram citando que o cesto do tesouro é uma das possibilidades apresentadas no texto e que o maior desafio delas era a quantidade de materiais para a elaboração do cesto. Havia pouca diversidade de materiais e quantidade insuficiente para que os bebês pudessem fazer suas descobertas. Foi levantada a questão da disputa pelos objetos que, em outros tempos, elas achavam que era necessário dividir o brinquedo com os outros bebês e que, hoje, percebem que cada bebê tem um tempo de exploração e descobertas, que ele está testando, construindo saberes quando manuseando, colando na boca, batendo um objeto no outro e outras possibilidades. O papel do adulto é proporcionar diferentes objetos em quantidade suficiente para que todos os bebês possam ficar o tempo que quiserem com cada objeto, recolher no cesto e observar o que fazem com os objetos e intervir, caso seja necessário.

O último grupo, que ficou com os bebês que já engatinham e andam, conseguiu montar poucas opções. Citou o brincar heurístico, que deveria proporcionar descobertas e processos investigativos, porém com a escassez de

materiais, foi inviabilizado. Disseram que o adulto tem um papel fundamental na elaboração de ambientes que possibilitem os processos investigativos, com diferentes materiais de acordo com a necessidade dos bebês. Elas não tinham noção de que cada idade, por mais próximas que sejam, requer ambientes e desafios específicos.

Encerrada essa parte, todo grupo foi convidado para ir para outra sala, onde havia muitos materiais, com diferentes formas, texturas, tamanhos. Conversamos sobre aspectos que tanto o texto do Brincar Livre quanto o texto de Paulo Fochi abordavam a respeito do trabalho com esses materiais. Para finalizar, divididas em três grupos, foram desafiadas a:

- a) Professoras: proporcionar uma vivência com esses materiais com os bebês, filmar e assistir e escrever um relato do que puderam observar.
- b) Coordenadoras: montar uma formação usando essa temática do brincar com bebês.
- c) Alunas, diante da seguinte situação problema: “Vocês foram contratadas para trabalhar com berçário com sete bebês de cinco a um ano”. Baseadas em nossos estudos que, até agora envolveram vínculo, desenvolvimento motor, brincar, como vocês organizariam a sala? Que materiais seriam proporcionados? O que observariam e como realizariam o registro desse processo? Como o curso de pedagogia aborda o trabalho com bebês?

No próximo encontro, cada qual teria um tempo para compartilhar suas experiências.

7.4 Quarto encontro

Nesse encontro, compartilhamos as vivências no encontro anterior. A primeira professora a apresentar sua proposta, organizou no mesmo ambiente os cestos dos tesouros para os bebês que se sentavam e o brincar heurístico para os que andavam. A princípio, ela disse que os bebês ficaram olhando e não foram investigar os brinquedos. Eles olhavam para ela, com o passar do tempo foram aos poucos indo ao encontro dos objetos e ficaram cerca de 50 minutos brincando. Precisou

parar, pois na unidade todos almoçavam num determinado horário. Segundo seu relato, no início não deu muito crédito à proposta, porém ao perceber o quanto os bebês ficaram concentrados com os objetos, sem chorar e morder as outras crianças, passou a acreditar mais na proposta. Vai estudar mais a fundo e possibilitar com mais frequência essas vivências.

A outra professora disse que levou os bebês para a área externa, onde tem um parque sonoro. Também disponibilizou diferentes materiais de madeira, plástico, metal. Observou que os bebês primeiro colocaram os objetos na boca, depois começaram a tirar sons deles, batendo-os em diferentes materiais, e em seguida, começaram a colocar e tirar, encaixar. Também ficaram mais de 40 minutos concentrados brincando.

Uma das coordenadoras disse que atrelou o desafio da formação sobre o Brincar Heurístico à temática do seu Projeto de Ação: Meio ambiente. Ela pediu para que as professoras, colocassem todos os brinquedos industrializados da unidade na área externa. Foram ao todo 123 bonecas e outros brinquedos de plástico. Ela questionou o grupo: Precisamos de todos esses brinquedos? O que esses brinquedos possibilitam às crianças? Após esse diálogo, resolveram doar alguns brinquedos e segundo as professoras, os espaços nas salas se ampliaram. As professoras foram levadas para outro espaço externo onde encontraram outros materiais. A coordenadora, perguntou: O que vocês acham que as crianças vão fazer com esses materiais? Desafiou as professoras a levarem os materiais para a sala e a observarem o que os bebês/crianças fariam.

Ao final do encontro combinamos que o desafio do quinto encontro seria elaborar um caderno artesanal, utilizando papelão, linha, tecidos, barbantes ou qualquer outro material que não tivesse plástico. Desde o início do ano, as professoras escolheram um bebê, para acompanhar seu desenvolvimento. As coordenadoras, escolherem um momento da rotina do CEI e as estudantes, como estruturar um berçário. O caderno foi dividido em três partes:

- a) Narrativa do percurso profissional
- b) Narrativa do percurso do bebê, rotina

c)Retomada da pergunta que trouxe ao curso e respondê-la ao final do registro no caderno.

7.5 Quinto encontro

E finalmente no último encontro elas trouxeram seus cadernos e tiveram a oportunidade de apresentar para as outras colegas e fizemos a avaliação final do curso. Dessa avaliação final destaco a fala de algumas participantes, a seguir:

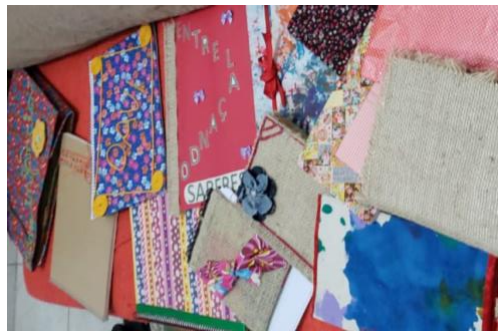


Figura 2: Cadernos Artesanais. Fonte: a autora.

“O curso me trouxe um olhar mais detalhado sobre os bebês, sobre suas necessidades, o jeito de brincar, a conversa e o brincar com eles. A teoria influenciou muito na minha prática fazendo com que eu mudasse algumas atitudes, acrescentando muito meu conhecimento e prática”. (Lúcia)



Figura 3: Avaliação do curso. Fonte: a autora.

“Comecei o curso com vontade de aprender coisas novas, de ser surpreendida, desafiada e ele me proporcionou isso. Hoje enxergo aspectos que antes eu não percebia como comunicar aos bebês a antecipação dos fatos, a sensibilidade para a observação dos momentos de investigação dos bebês. Fui abrindo a minha mente para novas formas de trabalhar e isso foi muito rico.” (Vitória)

Refletindo sobre o curso, a pontualidade das participantes e a leitura atenta dos textos colaboraram muito com a reflexão e aprimoramento da prática. Os diálogos foram ricos e suscitaram outros questionamentos, o que fez com que o tempo dos encontros passasse muito rápido.

Apesar do Currículo da Cidade de São Paulo de Educação Infantil (p.21), enfatizar claramente a concepção de atendimento aos bebês e crianças em que o educar é oferecer e construir propostas que estejam vinculadas às necessidades autênticas dos bebês e crianças, às suas perguntas, aos seus gestos, às suas experiências, realizando articulações e tecendo configurações entre as culturas da vida e as culturas da escola, muitas instituições que atendem bebês e crianças de 0 a 3 anos, garantem o atendimento levando em consideração os horários da limpeza e refeições.

A rotina rígida do almoço, sono, e trocas de fralda, cuidados/higiene ocorrem ainda de forma padronizada, em horários inflexíveis torna-se inviável a escuta e atendimento mais individualizado levando em conta as reais necessidades dos bebês. As formações voltadas ao trabalho profissional prático-reflexivo que capacita o professor recorrer a investigação como um caminho para decidir e para intervir de forma prática em tais situações (IMBERNÓN, 2011) se depara com atribuições voltadas as os bebês da era industrial, no qual o relógio e eficiência são ponto de partida.

Segundo Tardif (1998), o ethos da era industrial previa preparo dos alunos para mercado de trabalho. Apesar de estarmos em pleno o século XXI, os professores de bebês com práticas voltadas a concepção libertadora necessitam de apoio e fortalecimento e penso que o curso atingiu esse objetivo.

A tríade mando-medo-obediência (SOUZA ,2004),ou seja, o forte componente autoritário, cuja mediação era feita pelo medo da punição, e não pelo respeito ou responsabilidade sobre as ações, ainda existem de forma velada e oculta através de jogos de poder, manipulação e gestão de “pulso firme”, que em alguns casos, ainda seguem princípios de infância distantes do século XXI.

Diante dessa realidade, o professor de bebês, não tem voz e quando tem muitas vezes sua voz não ecoa, seus saberes voltados a uma concepção de bebê ativo que se desenvolve a partir do estabelecimento dos vínculos afetivos, movimento livre, interação com objetos do cotidiano num ambiente planejado e organizado pelos professores é visto como “laissez faire,” traduzindo para a educação, abandonar o bebê a própria sorte.

Dessa forma como ficam as professoras que se encontram na terceira fase (30 a 40 anos) no período de grande capacidade física e intelectual, o que significa energia, implicação, ambição, confiança em si mesmos? (GARCIA, 1999 p.63).

Ao analisar o percurso profissional das participantes do curso, notei que a mais nova atua na Educação Infantil há 3 anos e a mais velha há 28 anos, sendo que a maioria delas não tinham nenhuma experiência anterior com bebês, aprenderam no cotidiano observando as colegas que trabalham a mais tempo,

sendo de extrema importância esse olhar atento as profissionais que estão no início da carreira com apoio e formação específica.

Neste contexto, algumas professoras, procuram parceiras que lhe deem apoio e subsídio teórico- prático- reflexivo para que possam, apesar do contexto destoante da instituição, constituir sua pertença mais voltado as necessidades dos bebês e não dos adultos e através dos encontros puderam estreitar os laços de trocas e saberes.

São atribuídas a essas professoras fazeres voltados a concepções estanques da Primeira Infância, sendo desafiador romper com estruturas ocultas de poder e autoritarismo. Segundo Placco e Souza, (2010 p.97),

fazem parte dessa constituição todas as representações vividas, seja pessoal ou profissionalmente, todas as ações e interações que envolvem o trabalho docente, em um processo de tensão entre o que ele é e o que lhe dizem que é, do qual decorre uma síntese que compõe a história com que o professor narra, que conta a si sobre si mesmo. Tal síntese incorpora, então, as atribuições e as pertenças: ela seria o espelho do alferes, em que o professor vê a si pelos olhos de todos os outros que lhe atribuem características diversas, diferentemente do alferes, vê e assume suas escolhas quanto às pertenças que fazem dele um verdadeiro educador.

Os encontros formativos envolvendo as professoras que trabalham com bebês, as coordenadoras que atuam nos Centros de Educação Infantil do Município de São Paulo e as estudantes de Pedagogia da rede UNICEU de acordo com as avaliações dos encontros, contribuíram para o fortalecimento, trocas, aprofundamentos e enriquecimento da prática cotidiana que reverberaram no atendimento aos bebês.

As participantes pontuaram quanto os textos, a troca nos pequenos grupos depois o diálogo no grande grupo com as considerações da formadora colaboraram para ampliar os saberes com relação a pratica junto aos bebês. Para as coordenadoras, ter contato tanto com as estudantes de Pedagogia bem como

diferentes professoras do berçário, colaborou no sentido de ver como se dá o atendimento aos bebês sob outro ponto de vista.

No dia a dia, muitas vezes o berçário não é visto, com o curso puderam identificar como é importante olhar atento aos bebês e ampliar os saberes com relação aos estudos relacionados aos bebês e dentro da rotina diária incluir momentos mais dedicados ao acompanhamento in loco do trabalho das professoras do berçário com os bebês.

As estudantes puderam tirar dúvidas delas com relação ao funcionamento do berçário, estrutura de atendimento, ambientes e rotina cotidiana dentro de um Centro de Educação Infantil. No decorrer dos encontros, evidenciaram o quanto a formação específica para o trabalho com bebês é de suma importância pois é diferente de ser mãe ou do cuidar caseiro. O registro da estudante Lívia, evidencia esse fato: “Eu tinha um conceito equivocado de cuidar de bebês, como as mães e avós de antigamente faziam, como deixar chorar, não se render aos caprichos das crianças, achando que iam ficar mimadas se ficassem no colo. Pensava que isso fazia bem a elas, com intuito de torná-los adultos fortes. Que grande tolice!!!”

As participantes apontaram a necessidade de envolver toda a equipe gestora no processo formativo, uma vez que alguns aspectos práticos, tais como o horário estendido da alimentação, sono quando o bebê tiver necessidade, o apoio de outros funcionários para as professoras levarem os bebês para as áreas externas, é imprescindível um olhar atento e conhecedor dos princípios de direitos da Primeiríssima Infância e a participação coesa de toda equipe gestora.

As verbas para aquisição de materiais diferenciados necessitam do respaldo da equipe gestora, caso contrário, sem compreender a importância do ambiente como terceiro educador e a professora como mediadora do saber, no qual há momentos que fará observação a distancia outros fará intervenções pontuais, torna-se inviável o atendimento aos bebês numa visão ativa.

Vitor Paro (2015) define em algumas palavras o contexto da gestão escolar atualmente:

Há duas formas de produzir a convivência entre sujeitos. Uma consiste na dominação de uns sobre os outros, reduzindo-se estes à condição de objetos (não sujeitos). Trata-se do autoritarismo em suas mais variadas formas, cuja predominância na história tem sido tão marcantes a ponto de levar o senso comum (e muitos estudos acadêmicos) a identificá-lo com o próprio conceito de política. Isto é, a política como a luta contra o outro se faz tão presente que produz a falsa consciência de que a atividade política se resume na luta pelo poder de uns sobre os outros, descartando a possibilidade de que a política se faça também como convivência com os outros[...]que consiste precisamente na segunda forma de fazer política, ou seja, aquela que se realiza no diálogo entre sujeitos. Trata-se, neste segundo caso, da democracia em seu sentido mais universal[...], que é o mesmo que venho adotando neste livro, ou seja, como convivência livre e pacífica entre indivíduos e grupos que se afirmam como sujeitos. (PARO, 2015, p.58).

Assim, levando em consideração o papel relevante que a equipe gestora exerce na unidade educacional e seu papel democrático de acordo com Silva (2018), o diretor tem ainda mais primordial no processo de ensino-aprendizagem, que é a observância incansável do caminhar conjunto da prática e teoria com vistas à garantia de direitos de aprendizagem, conforme previsto na Constituição, tendo como grande aliado o Projeto Político Pedagógico na perspectiva de uma educação reflexiva e libertadora, que considere os diferentes atores de sua composição e sua singular realidade (SILVA, 2018, p.51). Neste sentido, é essencial envolver toda a equipe gestora nesse processo formativo.

Segundo FORMOSINHO-OLIVEIRA (2007), partilhar culturas praxiológicas que desenvolvem gramáticas do fazer pedagógico é uma aprendizagem experiencial em contexto que, quando realizada em uma perspectiva de reconhecimento da pluralidade das epistemologias da prática, representa o melhor uso da memória pedagógica para a reconstrução de cotidianos que promovem a competência participativa da criança.

Diante do exposto, no próximo curso de extensão em parceria com a UNICEU e Universidade parceira, pretendo envolver toda a equipe gestora dos Centros de Educação Infantil, bem como as professoras do berçários e as estudantes de Pedagogia.

O principal objetivo do Curso será promover o encontro de diferentes atores que atuam ou pretendem atuar junto aos bebês e compartilhar saberes acerca dos

bebês, tendo como pano de fundo a Pedagogia Ativa/Participativa, possibilitar a trocas de saberes e refletir sobre a prática cotidiana nos Centros de Educação Infantil com vistas a aprimorar o cotidiano junto aos bebês.

Vera e Souza (2006, p. 20), destacam que “aprendemos de muitas formas, por intermédio de múltiplas relações. Entretanto, é só no grupo que ocorre a interação que favorece atribuição de significados, pela confrontação dos sentidos. Significados da ordem do público, sentidos da ordem do privado. No coletivo, portanto, os sentidos construídos com base nas experiências de cada um circulam e conferem ao conhecimento novos significados – agora partilhados,” dessa procuramos garantir a valorização individual, o que os participantes trazem de experiências e ao expor seus pontos de vistas nas discussões tem a oportunidade de confrontar seus saberes com outros pontos de vista, inclusive com os autores em estudo.

Para as estudantes de Pedagogia, participantes do curso, esse momento possibilita o que Almeida (2004, p.24) afirma:

Ao definir como ensinar, é oportuno lembrar o conceito de simetria invertida, relacionado nas “Diretrizes curriculares para formação inicial de professores” proposta pelo Ministério da Educação e inspirado por Donald Schön. Enfatiza o documento que a preparação do professor tem duas peculiaridades muito especiais: primeiro, o formando aprende a profissão no próprio meio no qual vai atuar, porém numa situação invertida. Isso implica que deve haver coerência entre o que se faz na formação e o que se espera dele como profissional. Segundo o formando já viveu como aluno, provavelmente, a etapa da escolaridade na qual vai atuar. A compreensão desses fatos deve ensejar atividades para que o futuro professor experiência, como aluno, atitudes, modelos e modos de organização que se pretende venham a concretizar mais tarde,

E tendo como premissa metodologias ativas, o diálogo e a interação entre os participantes, e como ponto de partida a reflexão da sua prática ou intenção de prática (estudantes de Pedagogia) podem mobilizar ou não dependendo do interesse e abertura para tal as mudanças necessárias no cotidiano e práticas, voltadas aos bebês. Para Amaral et al. (1996, p.100), as estratégias de formação podem ser um meio de formar professores reflexivos, isto é, professores que examinam, questionam e avaliam criticamente a sua prática”. No caso, do curso estendido para a equipe gestora e estudantes de Pedagogia.

VIII. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse trabalho foi de compartilhar a minha experiência no processo formativo envolvendo profissionais que atuam diretamente e indiretamente com bebês de forma a proporcionar um espaço de reflexão, diálogo e troca de saberes envolvendo essa fase tão importante na vida de um ser humano.

A princípio, não tinha noção do quanto esse processo de escrita reverberaria tanto em meu ser, como aconteceu. O mergulho na minha trajetória trouxe à tona o porquê priorizei o relato formativo envolvendo bebês. Todos nós já fomos bebês e dependendo de como fomos acolhidos, amados e tivemos possibilidade de brincar, criar, imaginar, enfim viver a infância podem interferir muito nas escolhas de vida. Diante dessa imersão descobri o motivo e atração que sinto pelas metodologias ativas/ participativas e a importância dos bebês terem oportunidade a uma infância qualitativa que respeitem seu tempo e para isso é de suma importância um olhar atento aos profissionais que lidam diretamente com eles, principalmente na rede pública que atende maior parte dos bebês da cidade de São Paulo.

O processo formativo específico para os professores que trabalham com bebês na rede pública é quase inexistente e quando ocorrem contemplam poucos profissionais e não tem continuidade. Seria muito importante que houvesse um núcleo de apoio e acompanhamento aos profissionais que lidam diretamente e indiretamente com bebês da rede pública municipal quer seja através da parceria com as universidades ou outras parcerias.

Ao registrar o processo vivido interessante quanto a planificação desse percurso me levou a reflexão, distanciamento e subsidiou a aprimorar a minha prática formativa. À medida que fui lendo as breves anotações, os registros das professoras, as fotos e os materiais utilizados, consegui verificar o que é necessário aperfeiçoar nos próximos cursos. Um aspecto fundamental é o registro sistemático dos encontros, quer seja em forma de pequenos tópicos, quer seja por fotos, filmagens que ajudam no processo reflexivo, no curso deixei de fazer o registro escrito que muito comprometeu depois o maior detalhamento de cada encontro.

Assim no próximo curso vou procurar garantir os registros escritos mais detalhados de cada encontro e também a cada encontro abordar junto as participantes o que é importante observar nos bebês para já trazerem no encontro seguinte.

Com a oportunidade de escuta, fala, participação nas experiências propostas, interação, leitura diálogo e respeito pelo trabalho desenvolvido, aos poucos as professoras vão sentindo-se mais seguras, vão refletindo suas práticas cotidianas e vão aprimorando a escuta dos bebês e proporcionando ambientes que dão voz aos seus interesses e necessidades reais.

Que os bebês tenham a oportunidade de ter professores atentos às suas necessidades, que tenham a oportunidade de ampliar seus saberes, condições de se desenvolverem plenamente de forma ativa, inteira, que possam descobrir, tenham direito a ocuparem os ambientes das instituições e que possam sentir o vento, o sol, andar descalços, possam brincar com água, barro, pisar na grama ter acesso ao mundo de oportunidades que merecem .

Em pleno século XXI, ainda há muito o que ser garantido para que os bebês tenham direito a ambientes que lhe dão voz, que continuemos fazendo o melhor, estudando e proporcionando reflexões , problematizando alguns fazeres para que os bebês possam crescer com pés enraizados, centrados e colaborar para um mundo mais colaborativo e solidário.

Ser formador é um processo de contínuo aprendizado, ter a convicção que muito temos a aprender, porém sem dar o primeiro passo, arriscar, ousar e tentar jamais vamos saber o que aprimorar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, Mara I; Rubiano, Marcia R. Bonagamba. Organização dos Espaços em Instituições Pré-Escolares, texto das docentes departamento de Psicologia e educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto –USP. P.107-129.

FALK, Judit. Educar os três primeiros anos : a experiências de Loczy / Judit Falk, organizadora ; tradução de Suely Amaral Mello ; tradução Suely Amaral Mello, revisão de tradução Jaqueline Moll – 2ªed. – Araraquara, SP: Junqueira & Marin,2011.

FALK, Judit. Abordagem Pikler, educação infantil: tradução Guillermo Blanco Ordaz – São Paulo: Omnisciência, 2016

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Indignação, cartas pedagógicas e outros escritos. UNESP. 2000.

FOCHI, Paulo. O brincar heurístico na creche: percursos pedagógicos no Observatório da Cultura Infantil – OBECI / Organização de Paulo Fochi; - Porto Alegre: Paulo Fochi Estudos Pedagógicos, 2018, 136 p.

FORTUNATO,Ivan. Método(s) de Pesquisa em Educação/ Ivan Fortunato; Alexandre Shigunov Neto(org.). São Paulo: Edições Hipótese, 2018.100p.

FONTES, Ivanise; Roxo, Maisa; SOARES, Maria Candida S. Soares. Kislanov, Sara. Virando Gente: a história do nascimento psíquico . São Paulo: Ideias &Letras,2014.

GOLDSCHMIED, Elinor; Jackson Sonia. Educação de zero a três anos.{tradução Marlon Xavier}. 2ª edição Porto Alegre, 2008.

HILLMAN, James. O código do ser. 3ª edição. ed. Objetiva.

IGNACIO, Keller Renate. Aprendendo a andar, aprendendo a confiar: O desenvolvimento do movimento da criança pequena segundo Emmi Pikler. Associação Comunitária Monte Azul, 2ªedição, 2004

IGNACIO, Keller Renate. Criança querida: O dia da dia da educação infantil / Renate Keller Ignácio. 3. Ed. Atual. São Paulo: Antroposófica: Associação Comunitária Monte Azul, 2014.

KALLÓ, Eva; Balog Gyóryi ; As origens do brincar livre. [tradução da versão inglesa para o espanhol Susana Martínez].São Paulo : Omnisciência, 2017.

OLIVEIRA, Formosinho, Julia. Pedagogia (s) da infância : dialogando com o passado: construindo o futuro / Julia Oliveira-Formosinho, Tizuko Morchida Kishimoto, Monica Apezato Pinazza, organizadoras.- Porto Alegre:Artmed, 2007.328 p.

OLIVEIRA, Formosinho, Julia. Desenvolvimento profissional dos professores. In: FORMOSINHO, João (coord.). Formação de professores: aprendizagem profissional e ação docente. Porto Editora,2009.

OLIVEIRA, Formosinho, Julia. Documentação Pedagógica e avaliação na educação infantil: um caminho para a transformação / Julia Oliveira – Formosinho, Christine Pascal; tradução : Alexandre Savaterra : revisão técnica : Julia Oliveira-formosinho, Monica Apezato Pinazza, Paulo Fochi. – Porto Alegre: Penso, 2019. Xviii, 270 p.:

PLACCO, Vera M.N.de S., SOUZA, Vera L.T. de. Identidade de Professores: considerações críticas sobre perspectivas teóricas e suas possibilidades na pesquisa. In. CORDEIRO, Aliciene F.M., Hobold, Márcia, de S., AGUIAR, Maria A. L. de. Trabalho Docente: formação, práticas e pesquisa. UNIVILLE, Joinville, 2010. P. 79-99.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Padrões básicos de qualidade da educação Infantil Paulistana: orientação Normativa nº1/2015 / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME/DOT. 2015.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação, Diretoria de Orientação Técnica. Currículo Integrador da Infância.SãoPaulo : SME/DOT,201572p.

SILVA, Adriana Santiago. O papel do diretor d escola e sua implicação no processo de gestão democrática.Revista Magistério/Secretaria Municipal de Educação.n.5 São Paulo:SME/COPED,2018.p.47-51.

SILVA, J.M.S. Diferentes caminhos para formação docente: estratégias empregadas por coordenadores pedagógicos. (2019). 278 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

SOARES, Suzana Macedo. Vínculo, movimento e autonomia: educação até 3 anos .1.ed. – São Paulo : Omnisciência ,2017.

TARDIF, M.; Lessard, C. O trabalho docente hoje: elementos para um quadro de análise. In. TARDIF. Lessard. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis, RJ. Vozes, 2005. (p. 15- 54 - introdução e capítulo 1)

TRINDADE, André. Gestos de cuidado, gestos de amor: orientações sobre o desenvolvimento do bebê/André Trindade. São Paulo: Summus, 2007.

ANEXOS

Primeiro Depoimento Professora Gabriela

São Paulo, 27 de março de 2019

Início essa carta com lembranças boas, de momentos em que me descobri, em que aprendi, em que com os bebês pude ser realmente uma professora de Educação Infantil. Sim meus caros, os professores, a universidade, estágios e etc. não conseguiram chegar na metade do que aprendi apenas respeitando. Respeitando os bebês, respeitando a mim, respeitando o espaço, o tempo, enfim, observando mais, analisando mais, e falando menos, intervindo menos.

Talvez a resposta para o pouco que eu disse até agora é: “ Mas eu já faço tudo isso, eu respeito, eu observo eu analiso” sendo assim, digo que você então vai se encontrar nessa carta, porém te convido a entrar na minha história e se surpreender com aquilo que também me surpreendeu, então vamos lá? Sejam muito bem vindos:

Me chamo Gabriela, mas me chamam de Gabi, inclusive é assim que todos me conhecem (inclusive os bebês).

Estou na Educação Infantil há 6 anos, e ano passado foi a primeira oportunidade que tive de ficar com a sala do B1. Já havia assumido uma vez em 2015, porém como eu era professora módulo (ou CJ), ora eu estava na sala, ora não estava pois oscilava a Licença médica da professora titular. Pois bem, nesse caso de 2015 eu apenas dava continuidade ao que estava sendo trabalhado tanto pela professora que eu substituí, como com a do outro período.

Mas, a prova dos 9 se deu quando finalmente eu no dia da atribuição em dezembro de 2017, pude escolher o B1 para trabalhar em 2018.

Até então, para mim, o berçário era a sala em que eu poderia dar muito colo, muitos beijinhos, muitos apertões (com carinho), colocar as roupas mais bonitas enviada pela família, arrumar os cabelinhos, dar banho, enfim, um pensamento extremamente equivocado do que estava por vir¹. Em 2017 entrei em contato com os brinquedos heurísticos e cesto dos tesouros, materiais esses que auxiliariam no desenvolvimento dos bebês e crianças pequenas. Para mim, que havia conhecido o estudioso Paulo Fochi, nesse mesmo ano, seria fácil trabalhar com bebês... só que apenas do BII, turma que eu estava naquele ano. Não conseguia ver um

¹ O nome das professoras: Gabriela e Jaqueline são fictícias e foram alteradas para preservar a identidade.

desenvolvimento de trabalho com os mesmos materiais com o berçário 1, e foi aí que me enganei.

Antes de assumir o BI em 2018, analisei o porquê do choro sempre que saíam da sala, e percebi que eles precisavam de uma adaptação em cada momento, em cada espaço. Foi aí que decidi: Minha turma de BI visitaria todos os espaços do CEI a partir do primeiro dia de atendimento, participando das refeições com todos, observando e conhecendo cada canto daquele lugar tão estranho para eles.

Nossa adaptação com eles portanto foi: Visitação com os pais em todos os espaços, procurando ficar pelo menos uns 10 minutinhos em cada um. A alimentação seria imediata no refeitório, e isso fez com que outros educadores e funcionários participassem ativamente dessa adaptação. Esse vínculo, bebês, pais, professoras, ATEs, Agentes Escolares e Demais funcionários do CEI trouxe a todos um conforto maior, pois era um laço que sem dúvida estava sendo atado em cada dia que se passava. O chamar pelo nome, tanto os bebês como os pais também fez desse momento algo mais confortável.

Mas não foi só isso; Para marcar essa passagem de casa e conforto para o ambiente educacional, propomos aos pais a confecção de um boneco (ou boneca), feita por eles com a participação de seus filhos. A ideia era, escolher a cor do tecido, fazer a cabeça com pedaços de espuma e decorar, seja com canetas, com pedrinhas, ou seja como desejassem, e entregar para o bebe para que ele identificasse a presença dos pais sempre que estivessem com os bonequinhos. A criação trouxe uma certa satisfação para os pais, e alguns deles demonstravam alívio ao fazer e entregar para o filho, parecia que com isso, eles ficavam mais tranquilos em deixar o mesmo conosco, o boneco era algo feito por eles, e entregue para os filhos, como um ritual de passagem.

Alguns deles, mesmo vivendo essa passagem tiveram dificuldades no início e o meu próximo desafio era, apresentar-lhes o Cesto dos Tesouros, mas a pergunta era: Como apresentar algo que tão diferente para eles, ainda por cima em meio a tantos choros??? Na minha cabeça o que seria interessante para eles seria brinquedos diferentes, bolas, bonecas, chocalhos etc. Mas o desafio de apresentar o cesto para os bebês estava a porta e eu não queria fugir dele, ia arriscar.

Separei alguns materiais de madeira e alumínio, um cesto médio coloquei no centro da sala e esperei: As irmãs gêmeas Laura e Lorena estavam chorando a maior parte do tempo, mas ao ver aquele material, Victória a mais curiosa, parou de chorar e pegou uma pequena cabacinha que cabia na sua mão. Sophia portanto, a mais nova, quando viu que sua irmã havia se acalmou e procurou algo que também lhe agradava, e pegou uma argolinha.

Nenhum deles se locomoviam muito ainda, e esse também foi um desafio, pois ao perceber o interesse deles, ia criando pequenos obstáculos para que fossem em busca daquilo que queriam, e aos poucos percebi que os colchões expostos para acolhimento deles, estavam impedindo a movimentação, sendo assim: Eliminei todos os ditos impecilhos da sala, deixando-a o mais livre possível para circulação.

Uma bebe extremamente insegura, dependente de um adulto, após esse acontecimento de limpeza do ambiente, ela passou a se movimentar e aos poucos foi vencendo a cada dia o medo de estar sem a mãe, a dependência da professora e passou a explorar o espaço, primeiro se arrastando, depois se apoiando para levantar, ora na cadeira, ora no portão, ora na barra de apoio, enfim, Ester já se via como uma pessoinha capaz, foi um sucesso para ela, e principalmente para mim.

Nesse tempo, veio então a época de nossa avaliação descritiva, aquela em que nós “avaliamos” as crianças e nosso trabalho. Com tanta informação como eu ainda faria uma avaliação descritiva, se eu ainda estava conhecendo a turma?? O que eu falaria já que estava em teste o cesto dos tesouros, e o desenvolvimento motor, sem que eu fosse repetitiva nas avaliações?

Eu me sentia presa, engessada, travada a uma ordem de fatores quando o assunto era “AVALIAÇÃO”, foi aí que nossa CP propôs então um novo jeito de fazer a mesma, e o nome já me deixou aliviada, chamaríamos de Narrativa, ou seja, eu olharia para criança e narraria o desenvolvimento dela de forma mais livre, mais fluente. E não é que saiu perfeita e com muito mais detalhes do que uma avaliação?

Vocês podem estar falando: “Mas não é a mesma coisa? Só mudou o nome!! E eu digo meus caros colegas que não!!

Desafio vocês a fazerem uma narrativa, narrando todo o percurso da criança, o que gosta, quando chora e porque chora, coisas do tipo, e comparem com

uma avaliação... verão que tem diferença, e é uma diferença bem significativa, para nós e para eles... Não deixa de ser uma forma de respeitá-los, é libertador a palavra NARRATIVA (risos)

O cesto dos Tesouros trouxe para mim em especial um certo interesse, uma certa satisfação de que as coisas iam acontecer naquele ano de forma gradativa e satisfatória, e a emoção me chega aos olhos todas as vezes que eu lembro desses dias.

Ver aqueles bebês sendo realmente protagonistas de suas histórias, e eu como figurante era sensacional, era mágico, era algo que jamais pensei em viver, em especial com essa turma de berçário I. Sim meus amigos, em meados de junho/julho toda aquela impressão do início dessa carta havia caído por terra!! Eu estava aprendendo muito com eles. Eles estavam me ensinando a ensinar.

Aos poucos, fomos introduzindo em nosso repertório, os brinquedos heurísticos, ora plásticos, ora alumínio, ora madeiras. Confesso que estava preocupada no começo, pois eram apenas um tipo de material a ser oferecido e, aquela história de oferecer diversos brinquedos de uma só vez ainda estava enraizada em mim. Com o cesto dos tesouros, fui fazendo a transição para os brinquedos Heurísticos, e a resposta claro, positiva. Oferecer a eles esse tipo de material era tão intenso, que podia sentir a respiração deles, e o olhar curioso de cada um. A cada “brinquedo” uma descoberta, a cada descoberta deles uma minha, ou seja, eu estava totalmente mergulhada num mundo onde a aprendiz era eu.

Em paralelo com esses materiais, tínhamos também o desafio do desenvolvimento motor, no qual, com toda a astúcia e força de vontade deles, isso acontecia dia após dia, naturalmente. Isso criou em mim, um certo ar de vitória e antes do segundo semestre 90% da sala já estava andando. Sucesso absoluto nas paradas de sucesso.

Tinha prazer em chegar e sair da unidade como se fosse uma criança que aguarda ansiosamente algo que queira muito, e estar naquele ambiente tão instigante me fazia crescer a cada dia.

No segundo semestre, os bebês voltaram diferentes, em 15 dias eles haviam crescidos, se desenvolvidos, seus balbucios já tinham sons diferenciados e uma

delas já arriscava a me chamar de Kiss, dando risada com minha expressão de surpresa. O primeiro momento em que a Alice me chamou foi para mim surpreendente e ouvir o Kiss de uma bebê de 1 ano 4 meses sem dúvida foi para iluminar meus ouvidos. Aqueles bebês que eu pensava depender única e exclusivamente de mim eram meus amigos, meus companheiros meus mestres. Estava aprendendo tanta coisa numa só turma que decidi me não mais subestimar ninguém, foi uma lição de vida.

Ao longo dos meses, fui proporcionando a eles, momentos de movimentos intensos, ou seja, nos espaços já não oferecia brinquedos no primeiro momento, mas sim, permitia que eles, com sua curiosidade encontrassem algo divertido e interessante para fazer. Percebi que uma pequena grade no chão da área verde, para alguns era um abismo, e pediam minha mão para atravessarem, percebi que a chuva repentina era divertido e que o choro foi unanime quando tive que protege-los da mesma; percebi que o simples fato de segurarem a grade (ou portão) do parque e olhar a rua e os carros passando era uma forma de diversão; percebi que a exposição das fotos e figuras na sala ficavam mais interessantes quando não haviam brinquedos para interferir; percebi que o simples fato de olhar a fumacinha da comida ao me verem esfriar seus pratos era de um interesse imenso; o correr no corredor ficava mais divertido quando quem começava era eu, ou seja, o simples para eles é muito mais interessante e importante do que enche-los de brinquedos e vivencias (ou atividades para alguns) , com horários malucos para realizar determinadas situações, como o estar livre, o ser, o se reconhecer, o aceitar, o criar. O movimento nesse segundo semestre foi regado de desafios e interações, com turmas maiores, para que eles se percebessem, para que eles percebessem o outro, o seu entorno, ou seja, percebessem o mundo em que estavam inseridos.

Documentos nos ajudam a nortear nosso trabalho, mas quando acreditamos naquilo que fazemos, aceitamos que os bebês e crianças são capazes de nos mostrar o que querem facilmente seguiremos esses mesmos documentos, alguns autores, pensadores e pesquisadores, porém com a certeza de que somos fortes o bastante para apenas observar, grandes o bastante para apenas ouvir, formadas com a certeza de que estamos sempre aprendendo mais do que ensinando e sem dúvida, sensíveis ao ponto de transbordarmos de alegria a cada desempenho vindo deles.

E por falar em documentos, autores etc. meu portfólio de 2018 foi um calendário, “narrando” aos pais a cada mês um sucesso de seus filhos, mostrando a cada página do mês o que é desempenho de cada situação dentro do CEI, foi maravilhoso ver seus olhos brilharem ao vê-lo. Creio que este ano está sendo muito bem usado (risos).

Meus caros, é com imensa alegria, e lágrimas nos olhos que finalizo minha narrativa, a carta que fiz para compartilhar com vocês um pouco da minha satisfação em me descobrir como pessoa, como professora. É com grande prazer que demonstro como tracei alguns caminhos para o sucesso da minha profissão, espero que eu tenha ajudado alguns de vocês em algum momento dessa carta.

Agradeço por me ouvirem, satisfação em poder ajudar de alguma forma!

Abraços

São Paulo, outubro de 2019

Tantas coisas aprendi, como cresci como professora, como educadora, quantas possibilidades de brinquedos e brincadeiras tive a chance de conhecer através da minha coordenadora Teresa. Cestos dos Tesouros e Brinquedos Heurísticos agora fazem parte do meu vocabulário com tanta satisfação e segurança. E porque não acrescentar nesse pacote os elementos da natureza, a liberdade de escolha de

cores e tecidos, a aprendizagem de confeccionar bonecas de pano, murais com tecidos, registros das famílias tanto nele como nos muros da escola?

Sim, entre essas e outras coisas fomos crescendo. Aos poucos fomos aprendendo que é com o pouco que podemos ser grandes. Se tem uma palavra que poderia iniciar essa pequena carta, posso dizer que é a palavra ACOLHIMENTO. Acolhimento esse não só que bebês e crianças recebem, mas sim, acolhimento de um grupo de professores e funcionários que precisa aprender mais, que precisa ampliar seu repertório sem sentimento de inferioridade ou de forma a fazer com que se sintam incapazes ou quem sabe até desconfortáveis em aprender, afinal, são professores, precisam saber de tudo, ou não? Sim, essa é uma forma equivocada de fazer com que ampliemos nossos saberes.

A nossa coordenadora Teresa aos poucos foi criando em nós uma diferente forma de olhar até mesmo para a folha de uma árvore. Nos ensinou ver beleza em uma pedra que outrora apenas chutaríamos para longe e que hoje tem tanta beleza, tanta importância. Aprendemos de uma forma delicada e dedicada, com estudos e embasamentos. Tudo era documentado, tudo era retirado de algum estudo. Ganhamos muito com isso. Crescemos como pessoa.

Sua saída foi um susto, uma grande perda. Sua saída foi inesperada, mas foi feita com muita alegria, pois sabíamos que outras pessoas teriam a oportunidade de conhece-la. Aquela cena de filme/novela, que quando a pessoa que vai sair, fecha a porta e a que fica, fica extremamente desconsolada e sem chão, foi exatamente o que aconteceu comigo e com o grupo. Nos vimos sem nossa mentora, e aí que começou o desafio.

Nos primeiros dias ficamos desorientados, inseguros e com a sensação de que não teríamos mais a chance de contracenar com um ator de respeito. Estávamos sozinhos. Confesso que isso refletiu nas crianças que ficaram por alguns dias chateadas e perguntando da coordenadora.

Sabíamos que precisávamos seguir em frente e aí para finalizarmos o ano de 2018 de forme firme e forte, erguemos a cabeça e colocamos em prática tudo aquilo que aprendemos com nossa líder, mas agora, sem ela.

Foram dias de grandes desafios, dias em que precisávamos retomar o que aprendemos e colocar em cheque mate nossa segurança. O grupo foi tomando forma novamente. Novo ano entrou e percebemos que tudo o que aprendemos agora estava bem diante de nossos olhos, gravado em nós, em nossas mentes, em nossas vidas. Percebemos que nossas falas se davam a partir daquilo que aprendemos com nossa coordenadora, sempre eram ditas palavras como: A Teresa faria assim, ou a Teresa já havia dito isso; A Teresa ensinou desse jeito... entre outras falas.

Percebemos aos poucos que tudo o que aprendemos e o que agora éramos, se partia de um princípio onde uma pessoa, com sua sabedoria e paciência pode nos ofertar.

Ao olharmos para fantoches de bonecas feitos por nós e pelas famílias, lembramos de como aprendemos e construímos juntos. Ao olhar para os materiais que compunham os cestos dos tesouros na sala do B1 podemos lembrar de cada detalhe que foi falado num estudo longo porém simples. Ao sair ou entrar no CEI e se deparar com as pinturas em suas paredes externas, vimos o quanto foi incrível o Dia da Família daquela unidade, e o sorriso no rosto, de cada pai, de cada bebê e criança deixando sua marca ali. Ao pegar um simples tecido na “Caixa de Tecidos” lembramos qual era a importância de se fazer uma cabana ou brincar de “cadê achou” com os pequenos. Ao se deparar com a quantidade de Brinquedos Heurísticos e sua diversidade, nos fazia lembrar em tudo o que aprendemos sobre eles.

E caixa de pedras que agora tínhamos e que era um “brinquedo” amado pelas crianças? Cada pedra que pegamos hoje é uma grande lembrança daqueles momentos cujo o estudo era Elementos da Natureza.

Não pensem que éramos crús em tudo isso que relatei, mas tínhamos outro olhar, uma outra forma de trabalhar com eles... Agora, depois de tudo o que aprendemos, com diferentes estudos, o olhar ficou mais apurado.

Hoje podemos considerar que grande parte do que carregamos enquanto professores, são de grande valia, reconhecendo o esplendido papel de

coordenadora que a Teresa exerceu. Boas lembranças, grandes trabalhos que não se eternizaram apenas em nossa mente (e em nosso coração), mas que estão explicito por onde passamos, a cada porta ou caixa aberta.

Podemos dizer que nossa coordenadora (e amiga) Teresa virou uma lenda (viva) e que ela pode ter a certeza que seu trabalho foi, é, e sempre será reconhecido, por onde quer que passe.

Segundo Depoimento Professora Jaqueline

Iniciarei esta carta me apresentando e contando um pouco sobre meu percurso como professora de Educação Infantil da Rede Municipal de São Paulo.

Meu nome é Jaqueline, tenho 41 anos, sou pedagoga formada pela universidade Camilo Castelo Branco (Unicastelo), trabalho em Ceis da Rede Municipal de ensino de São Paulo há 9 anos.

Ao prestar concurso, tinha em mente trabalhar com crianças maiores, meu foco era fundamental I como segunda opção EMEI, mas quis o destino que eu passasse apenas no concurso para educação infantil que prestei para testar meus conhecimentos e até que surgisse nova oportunidade resolvi encarar o desafio, acabei me apaixonando pela primeiríssima infância e não penso mais em trabalhar com os maiores.

Assim que ingressei na prefeitura fui trabalhar na Capela do Socorro, zona Sul de São Paulo.

Trabalhei na mesma unidade por 1 ano e 3 meses, na função de professora “módulo” o que considero ter sido muito importante, pois, pude conhecer de perto o trabalho do Ceis e conhecer melhor todos os grupos e me inteirar um pouco do trabalho da rede com bebês e crianças bem pequenas.

O início não foi fácil, além da distância diária (moro na zona Leste), dei-me conta que muito do que aprendi na faculdade, era insuficiente para atender aos questionamentos que me surgiam da prática, me vi um pouco perdida e tentei aprender o máximo que pude com as professoras dessa unidade.

Constatei que as vivências desta unidade não seguiam nenhum documento específico, cada professora trabalhava da forma que melhor encontravam, não havia uma ação pedagógica nítida, estavam mais voltados para o cuidar, as atividades eram mais voltadas para “artes” (pinturas, colagem, desenho), o brincar estava presente mas na maioria das vezes não havia uma intencionalidade clara, seguindo uma rotina de horários, a visita a áreas externas dava-se apenas ao parque para os maiores e ao solário para os menores.

Após esta primeira etapa através do concurso de remoção vim trabalhar num CEI perto de casa onde continuo até hoje.

Novo Cei, novos professores, crianças e muitos desafios, a realidade dentro da própria rede é muito diferente (questões físicas, estruturas, condições de trabalho, realidade socioculturais, entorno, envolvimento das famílias, gestão, compreensão do trabalho pedagógico, orientações da ação pedagógica etc.).

No primeiro dia após a atribuição ,fui recebida com uma quantidade enorme de comentários sobre como a unidade era vista, como era o trabalho da gestão, dos professores, documentações, expectativas quanto aos novos professores etc. Saí de lá me sentindo perdida, amedrontada e insegura.

No início do ano letivo, na reunião de planejamento o perfil de trabalho começou a se desenhar para mim, o que me trouxe maior insegurança quanto a ação pedagógica, já que o que havia tido como experiência na zona sul era muito distante do cenário que se apresentava ali.

Fui apresentada à uma planilha onde estavam tabuladas por agrupamento as expectativas de aprendizagem de acordo com os campos de experiências das orientações curriculares da educação infantil. Essa tabela funcionava como um roteiro para o planejamento de cada professor, ou seja, a atividade proposta tinha que alcançar aquele objetivo, estando atenta para que houvesse um equilíbrio na quantidade de campos de experiência a ser trabalhados, não deixando nenhum sobressair a outro.

Ao ler aqueles tópicos não conseguia imaginar tantas atividades que dessem conta de tantos tópicos. Sai da reunião e fui direto para uma livraria em busca de livros que auxiliasse a encontrar atividades para trabalhar com o novo grupo para suprir as necessidade e exigências do novo Cei.

Com o passar do primeiro semestre, percebi que por maior que fosse meu esforço, em seguir as expectativas daquele “roteiro” não era fácil de atê-las. Sentia que o trabalho era fragmentado, muitas vezes mecânico/automatizado, limitante e desgastante.

Havia muito de modelo tradicional na aplicação dessas atividades, sendo valorizado apenas os resultados que eram comparativos e tabelados.

Foram dois anos no berçário II, tentando compreender e melhorar minha prática, porém os resultados com os bebês, embora dentro do esperado não eram o que eu desejava.

Recebi a oportunidade de trabalhar com MGII , crianças mais velhas, com outros tipos de necessidades, seria um novo desafio e tinha a esperança de conseguir conciliar a teoria com a prática.

As crianças eram muito agitadas, o espaço da sala parecia insuficiente para elas, as atividades propostas não prendiam a atenção por muito tempo, a rotina diária não auxiliava muito no trabalho com eles. Nessa fase pensei em desistir, não me sentia competente o suficiente, me sentia em falta com aquelas crianças, tentava variar ao máximo as atividades com esperança de conseguir melhor resultado com eles, fiz cursos na rede, procurei leituras e auxílio com as professoras parceiras, me sentia sozinha com um problemão a resolver, mas estava perdida, sem um norte a seguir...

A chegada da nova coordenadora a meu ver mudou tudo... Começando pelo acolhimento com o grupo e com as necessidades pedagógicas de cada professora, seu trabalho veio a contribuir na reflexão e compreensão daqueles roteiros, nos trouxe novos materiais para reflexão o que nos permitiu um novo olhar sobre o papel do professor, sobre as documentações norteadoras do trabalho pedagógico e o principal a meu ver, o de focar nas necessidades das crianças.

Ao estar atenta às nossas falas no PEA percebeu que eu estava com dificuldades com minha turma, se colocou a disposição para auxiliar, veio até nossa sala, observou o trabalho, pontuou comigo tudo o que achou relevante, sugeriu respeitosamente algumas propostas e juntas chegamos a conclusão de que o grupo precisava de movimento.

A necessidade de atingir ao máximo aquele “roteiro” para o planejamento, não me deixava enxergar as necessidades reais do meu grupo, a faixa etária em que se encontravam exigia muito mais movimento corporal do que atividades de concentração.

Comecei a elaborar um planejamento que garantisse esse movimento do corpo, por inteiro todos os dias, as vezes repetindo a mesma atividade e aos poucos comecei a ver mudanças no grupo.

As coisas começaram a mudar para melhor, tinha agora um apoio que antes não tivera e motivada pela Coordenadora e pela melhora do trabalho do grupo, fui em busca de cursos que pudessem ampliar meus conhecimentos e a trazer novos horizontes. Descobri que há muita coisa bacana, pena não termos acesso a elas através da rede municipal.

Toda essa mudança me resgatou, o meu olhar mudou, indo de encontro com o que eu sentia falta em meu trabalho, com isso, minha prática se aprimorou, um olhar mais humano, com a ação voltada para as necessidades das crianças as vendo como protagonistas.

Mais uma vez voltei a trabalhar com os bebês do Berçário II, por dois anos e pude então desenvolver um trabalho diferenciado comparado ao inicial, voltados para as realidades dos bebês, mais harmonioso e humano.

E refletindo sobre esse processo até aqui, vejo o quão foi importante o trabalho de Coordenadora, junto aos professores durante a formação do PEA, trazendo materiais e recursos diversos, textos de autores que tratavam dos temas que estudávamos fazendo paralelos e links levando-nos a reflexão consequentemente a aprendizado, bem como sua presença constante e seu olhar generoso com nossos pequenos e conosco neste processo de desconstrução e reconstrução de saberes e conhecimento.

Durante este percurso também houve mudanças nas documentações que usávamos de referência para planejamento, esse processo não foi simples, passamos por vários momentos tensos, onde nem sempre todos partilhavam do mesmo entendimento, a prefeitura lançou novos documentos que trouxeram à tona a necessidade de um novo olhar.

No ano passado um novo desafio chegou com a atribuição do B I .

Confesso que me senti um pouco perdida, não sabia muito bem como começar e como seria esse novo trabalho. Mais uma vez fui acolhida e apoiada pela

Coordenadora que se prontificou a auxiliar nesta nova fase. Ela indicou alguns textos de Emmi Pikler e um novo mundo se abriu para mim.

Em nossos estudos no PEA, também estudamos alguns textos de autores que tratam do desenvolvimento infantil, da primeiríssima infância, materiais e recursos próprios cada faixa etária etc. Esse estudo foi enriquecendo e dando maior apoio e respaldo às propostas que planejava com os bebês pensando no desenvolvimento de um trabalho diferenciado, constituído e pautado na atenção e na valorização da relação afetiva entre adulto e bebês, com olhar mais delicado e profundo, mais humano e que compreende os bebês como seres capazes, curiosos e exploradores do mundo que os cercam, garantindo qualidade e bem estar para seu desenvolvimento pleno, pensando e montando espaços, com materiais selecionados que causassem curiosidade e desafios aos bebês, possibilitando ao adulto observar e assim escutar esse bebê, que ainda não fala verbalmente, mas com o corpo todo.

A temática abordada no PEA e o trabalho com os bebês me motivaram a procurar outros recursos para aprofundar o estudo como informações e pesquisas na internet, leitura de livros, participação de grupos de estudos, cursos, seminários e palestras voltados aos bebês e a primeiríssima infância. Estes novos recursos ampliaram ainda mais meu olhar sobre o trabalho com os bebês, evidenciando a importância do papel do adulto/professor com quem o bebê se relaciona, a definição da concepção de criança como sujeitos ativos, competentes, potentes, que aprendem observando, experimentando, tocando desde seu nascimento, valorizando assim a importância do contato físico e afetivo nos momentos do cuidado pessoal, o estreitamento de vínculos, e construção de uma relação de confiança recíproca, o comprometimento e o respeito e afetividade que dão segurança e encorajam o bebê a explorar os ambientes e a participar, respondendo às solicitações dos adultos que se encontram atentos às suas necessidades e singularidades.

O trabalho com os bebês dentro desse formato começou a trazer respostas positivas, que podiam ser acompanhadas por todos.

Passado o primeiro momento (fase de adaptação), os bebês começaram a mostrar-se mais seguros, e autônomos, cada um em seu tempo.

Sentiam-se acolhidos em suas necessidades e especificidades.

Os momentos de cuidado como banho/ higiene eram muito valorizados pelas professoras dos dois períodos (trabalhávamos em comum acordo), pois, eram oportunidade de cuidado e atenção individualizada, um momento rico para a criação de vínculos e de confiança entre o bebê e a professora.

Com o passar dos meses, pudemos acompanhar com empolgação o avanço de cada um dos bebês e perceber como os estudos foram importantes para garantir um bom trabalho com eles. Nosso portfólio no encerramento do ano, buscou trazer todo o desenvolvimento que cada bebê obteve em sua jornada no BI.

Nesta fase não estávamos mais aos cuidados e apoio de nossa Coordenadora que saiu da Unidade em busca de novos desafios, sentimos muito a sua saída, pois, para mim ela era uma grande parceira, que sempre estava a disposição para auxiliar-nos, nas aventuras e invenções que criávamos para trabalhar com os bebês. Fico feliz em perceber que seu trabalho deixou marcas muito positivas no grupo, pois, percebo vários avanços, quebras de paradigmas, ampliação dos olhares, empoderamento através do conhecimento, etc. .

Acredito que o resultado de seu trabalho pode ser visto na continuidade de nossas práticas, que foram muito estimuladas e orientadas por ela, de forma muito respeitosa e ética.

No ano seguinte recebemos retorno das professoras do BII, que receberam nossos pequenos e as respostas eram muito positivas como:

- São tão descolados!
- Não estranharam a adaptação aos novos grupos e professoras!
- Estão bem tranquilos e seguros.
- Como estão independentes, já comem sozinhos, reconhecem seus pertences, amigos etc.
- São tão participativos, cheios de iniciativa:

Esses e outros tantos comentários confirmam o que já percebíamos durante o decorrer do ano, que os bebês aproveitaram ao máximo tudo o que lhes foi oportunizado, pois, estavam seguros, e sabiam que eram capazes e que nós estávamos ali para eles e por eles.

Foi muito gratificante receber esse retorno.

Não dá para descrever o quanto esse trabalho junto ao BI foi significativo e para mim, um divisor de águas. Tive a oportunidade de trabalhar novamente com o Berçário I, e o trabalho ficou mais refinado, com a experiência do ano anterior, porém, reconheço que ainda tenho muito a aprender, não só da teoria como as pesquisas e trabalho de Pikler como de outros autores, mas também, com cada bebê que recebo e com suas famílias, hoje me sinto mais segura e tranquila sobre o meu trabalho com eles.

Nesta nova fase tive apoio da nova Coordenadora que compartilhava da mesma concepção, dando apoio e suporte para a continuidade do trabalho.

Fomos convidadas pelo DIPED- Itaquera a apresentar um relato de prática do Berçário I na II Jornada Pedagógica (2º Sem. 2019). A temática inicial tratava da humanização do atendimento a bebês e crianças e nossa participação ia de encontro a temática tratando de um recorte de nossa rotina com os bebês, na hora de sua higienização com o tema “Mais que um banho.”

Ficamos muito lisonjeadas pelo convite, ainda mais por se tratar de algo que já está tão incorporado por nós professoras do Berçário I, graças ao trabalho que veio sendo constituído a anos, para mim este convite deixa claro que valeu a pena e que estamos no caminho certo.

Gratidão a você Teresa minha querida Coordenadora que esteve ao meu lado tornando tudo isso possível, graças ao seu trabalho, apoio e generosidade.